

Cadernos PNL



TAGS: LEITURA; ESCRITA; MEDIAÇÃO LEITORA;
ECOSSISTEMA CULTURAL-MEDIÁTICO

N.º 1

**As mediações da leitura:
Em busca de um paradigma
de transição**

Roberto Igarza

As mediações da leitura: Em busca de um paradigma de transição

Edição Plano Nacional de Leitura (PNL2027)
Av. 24 de Julho, 140 C
1399-025 Lisboa
pnl2027.gov.pt
pnl@pnl2027.gov.pt

Projeto editorial Neturity
Projeto gráfico e diagramação Banuka Estudio
Tradução Ana Sim-Sim
Revisão Anabela Caldeira
Foto da capa de Florian Klauer

outubro de 2021

Igarza, Roberto
As mediações da leitura: Em busca de um paradigma de transição
(Cadernos PNL)

© 2021 Plano Nacional de Leitura (PNL2027)
© 2021 Roberto Igarza

ISSN: 2795-4145

O

Os *Cadernos PNL* pretendem pensar um dos mais críticos desafios da sociedade nas áreas da educação e da cultura, de que o Plano Nacional de Leitura se faz eco: formar leitores.

A melhoria das competências de literacia, o crescimento dos hábitos de leitura e o aumento das práticas leitoras da população portuguesa exigem um exercício constante de divulgação e mediação da leitura e da escrita. Os seus atores são professores, bibliotecários e professores-bibliotecários; animadores culturais, dinamizadores de leitura e influenciadores literários; autores, editores e livreiros; pais, famílias e amigos. A todos cabem formas variadas de mediação leitora.

A eficiência e a eficácia deste trabalho exigem um conhecimento do livro, dos modos de ler atuais e das melhores estratégias para uma aproximação aos leitores mais relutantes e, também, aos mais proficientes, qualificados, exigentes e críticos. Trata-se de um esforço de reflexão intelectual e pragmático - e, necessariamente, afetivo, porque sem prazer e emoção é impossível motivar e envolver para a leitura.

Os *Cadernos PNL* propõem-se abordar as problemáticas que marcam as novas ecologias onde a leitura e a escrita acontecem, a sua relação estreita com a oralidade, a comunicação e o digital, de que resulta para profissionais, educadores e especialistas o imperativo de estes investirem numa formação sólida e avançada.

Estes domínios serão objeto de discussão aprofundada em futuros números dos *Cadernos PNL*, focando os diferentes públicos, lugares, contextos, linguagens e formas textuais de contacto com o mundo da palavra oral e escrita.

5

INTRODUÇÃO

7

EM DIREÇÃO A UMA ECOLOGIA DA
LEITURA

12

A ECOLOGIA DA LEITURA E DAS NOVAS
MEDIATIZAÇÕES

18

ÉPOCAS DE TRANSIÇÃO E
TRANSMEDIALIDADE

22

A RELAÇÃO LEITURA-ESCRITA

27

MEDIADORES E INFLUENCIADORES: SOBRE AS
NOVAS FORMAS DE PRESCREVER

33

AS LÓGICAS DAS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICA E
CULTURAL

39

ESPAÇOS E TEMPOS DA MEDIAÇÃO

44

A MEDIAÇÃO FAMILIAR

48

A MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA

52

DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E NOVAS COMPETÊNCIAS

- Competências mediadoras e funções genéricas da mediação da leitura
- O valor da análise cultural para a mediação
- A incidência das práticas transmídia nas competências da mediação
- Ao encontro dos públicos no espírito da época
- Os modelos de comunicação e as competências associadas
- Bibliotecários com as competências mediadoras em jogo

77

PROFESSOR-BIBLIOTECÁRIO: DISPOSIÇÕES
ANFÍBIAS

80

A MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA: PROPÓSITOS E
ATIVIDADES ESTRATÉGICAS

85

AO LONGO DA VIDA DO LEITOR

92

BIBLIOGRAFIA

97

AUTOR

Índice



Introdução

E

Em 1950, René Magritte assinava um catálogo de *gadgets* concebidos, entre outras coisas, para automatizar processos de criação e pensamento. Nesse catálogo, “o caderno de onisciência” é descrito como um “repertório combinado para operar o reforço permanente dos processos de ideação”. A palavra “caderno” remete para um espaço material que permite deixar registro, mas antes de mais nada para um suporte de escrita em aberto, provisório e passível de ser revisto. Os *Cadernos PNL* que agora apresentamos têm algo de ambos: são locais de criação e partilha de ideias, no pressuposto de que estas estão sempre abertas à exploração ou, como no caderno de Magritte, requerem um “reforço permanente”.

Através desta série de publicações digitais em forma de cadernos, pretende-se iniciar um diálogo interdisciplinar sobre os reptos e desafios da mediação de leitura no âmbito das mudanças nas práticas contemporâneas de leitura-escrita. Como ponto de partida, são colocadas questões -é interessante *partir de* e *gerar* questões-, pelo menos, com base em três pontos de vista:

- Em primeiro lugar, promover a discussão a partir do próprio objeto da mediação: o que é ler hoje em dia?

Num contexto em que a leitura é uma prática social e cultural em mudança, em que a multimodalidade e a diversidade são características definidoras, em que a leitura pode ter lugar em todos os suportes e textos e se manifesta hibridizada com as práticas de produção, importa conhecer quais são as características que definem esta multiplicidade de práticas de leitura. A leitura é mais social, ativa; é mais marcada pela relação com a escrita, com a interatividade, a imagem, a oralidade, a mobilidade, a proliferação de dispositivos e a multiplicação de ocasiões e motivos para ler. Existe uma ligação entre essa diversidade de manifestações?

Por outro lado, a instabilidade do objeto textual e as múltiplas interações da palavra com as inovações tecnológicas levantam a questão sobre quais os significados e as funções que podem ser atribuídos à leitura nas práticas leitoras da atualidade. Na verdade, todos os dias é acrescentado um novo termo à leitura, mas será que existe estabilidade suficiente para falar sobre *o novo* ou sobre a forma como causa impacto nas concepções e práticas de leitura? Que continuidades, descontinuidades ou ruturas se fazem sentir?

- Em segundo lugar, questionar-se sobre os sujeitos leitores: quem são os leitores? E, além disso, quem são os não leitores?

Num contexto em mudança, importa discutir as transformações da prática de leitura partindo das formas particulares dos próprios leitores: quem são e o que fazem, de que forma leem, em que contextos e situações o fazem, com quem

partilham o que leem, quais as relações entre a prática leitora e a escrita e outras práticas culturais. É interessante abordar tanto as práticas de leitura como os imaginários acerca do que é ler. Acima de tudo, interessa-nos explorar as práticas do ponto de vista da inclusão, questionarmo-nos sobre os leitores no plural -as pessoas leitoras e a diversidade-, e investigar “pontos cegos” da constituição de uma sociedade leitora a *partir de* dinâmicas de fronteira tal como se manifestam em públicos afastados do livro, com práticas pouco frequentes ou fraca relação com o livro e a leitura, distantes ou desvinculados dos tradicionais espaços de promoção e habitualmente negligenciados ou mal identificados nos inquéritos.

- Em terceiro lugar, refletir sobre os próprios fundamentos da mediação da leitura e da escrita: quais as funções, competências e práticas para uma mediação em transformação?

Discutir o papel da mediação numa nova ecologia da leitura obriga a discutir as transformações num ecossistema em transformação. Considerar a mediação e as suas relações com a digitalização leva a repensar as transições inclusivas, centradas nas pessoas, para reposicionar os agentes, os espaços e os tempos de leitura, para explorar a promoção da leitura nas suas relações com o tecido institucional e cultural, e com o tecido cívico em seu redor.

No primeiro número dos *Cadernos PNL* estes três caminhos entrecruzam-se para oferecer um panorama que coloca a mediação da leitura como uma prática em transição. O seu título, *As mediações da leitura: em busca de um paradigma de transição*, evita, antes de mais nada, a unidade, empregando intencionalmente o plural –mediações– para indicar a multiplicidade como um traço contemporâneo essencial. O primeiro caderno aponta linhas de transformação e questiona, propõe um fio condutor de análise e diversifica caminhos e abordagens. Os números seguintes permitirão especificar, ilustrar e debater, partindo de contextos e espaços de leitura diversos, focando a atenção em públicos específicos, colocando em discussão a diversificação dos objetos culturais que nos confrontam com novas práticas de leitura. Pretende-se, dessa forma, argumentar a favor das capacidades que o leitor desenvolve num contexto de transformação, mas, ao mesmo tempo, colocar no primeiro plano de discussão a identidade e a importância da leitura na sociedade atual, reconhecendo a leitura como porta de inclusão para a vida social e cultural a que todos devem ter acesso como um direito democrático.

Inés Miret

Em direção a uma nova Ecologia da Leitura

A leitura é uma prática social em transição. Imersiva, reflexiva, pessoal. Por vezes, furtiva, partilha intersticial. Práticas de descoberta e conhecimento, de divertimento e também de sociabilidade. A leitura está mais presente do que nunca, apesar de a antropologia das práticas leitoras demonstrar uma diversificação e uma crescente complexidade das mesmas. Talvez a sua omnipresença se deva justamente aos seus contornos.

TAGS: ECOLOGIA DA LEITURA; ECOSISTEMA CULTURAL-MEDIÁTICO; HIBRIDIZAÇÕES



Uma das principais referências para explicar o que está a acontecer remete para a situação que atravessa o ecossistema cultural-mediático, o qual, visto enquanto sistema ecológico, resulta num vasto território superpovoado, onde agentes de espécies distintas, vozes e bens culturais circulam, interagem, nascem, transformam-se e desaparecem seguindo uma dinâmica extremamente fluida na interseção do local e do global. Um sistema nunca antes visto, excessiva produção de conteúdos e excessiva procura de práticas, embora as duas não coincidam forçosamente e a primeira supere amplamente a segunda. Há cada vez mais textos a circular fluidamente e de forma extremamente acessível, seja em que ambiente, dispositivo e momento for. Nunca como agora se produziu, editou, reeditou e reimprimiu tantas publicações em formatos tão diversos.

Colaborando ou competindo, conforme a ocasião, estes textos coabitam um vasto universo simbólico, onde muitos atores sociais, utilizando diferentes linguagens, produzem e põem em circulação uma grande quantidade de bens culturais. Em algumas ocasiões, essa coexistência parece dar lugar a interessantes hibridizações e, em outras alturas, a grande concorrência regulada por novos mediatizadores, motores de busca e plataformas abre espaço a uma ordenação dos resultados em favor de outros tipos de bens culturais, privilegiando claramente a multimediatização em detrimento do textual.

Um sistema nunca antes visto, excessiva produção de conteúdos e excessiva procura de práticas, embora as duas não coincidam forçosamente e a primeira supere amplamente a segunda.

A relação entre as pessoas e o ecossistema cultural-mediático, cuja ubiquidade é determinante para as práticas culturais, convida a repensar a *ecologia cultural* em termos participativos, de apropriação, de produção, circulação e consumo. A relação espaço-tempo é atravessada por um novo sentido de acesso, de contacto e de interação, desvinculado da ancoragem que as linguagens souberam ter,

A relação entre as pessoas e o ecossistema cultural-mediático, cuja ubiquidade é determinante para as práticas culturais, convida a repensar a *ecologia cultural* em termos participativos, de apropriação, de produção, circulação e consumo.

então hegemónicas ou predominantes num tempo e num lugar. Da mesma forma que, há algum tempo, nos seus formatos tradicionais, os textos puderam gozar de uma certa ubiquidade, devido à económica portabilidade dos seus suportes (jornais, revistas, livros), a linguagem audiovisual desapegada dos seus suportes percorre agora com fluidez vários contextos, recriando ambientes. Num ecossistema convergente, todos os bens e serviços culturais fluem nas mesmas redes e estão acessíveis em qualquer momento a partir de qualquer dispositivo. Nele conflui um crescente número polivalente de atores sociais, propondo uma quantidade exponencial de conteúdos. Para os textos, a diferença ecológica torna-se evidente quando emerge em múltiplos suportes sem abandonar obrigatoriamente o tradicional papel, muitas vezes, apesar das tensões, entrecruzando outras linguagens.

Dentro de uma nova ecologia cultural, a leitura modificou-se em resultado de um entrecruzamento das tecnologias digitais e das novas mediações, que incidem nas formas que a criatividade autoral adota e, mais ainda, na distribuição e no acesso aos textos e às práticas de leitura. O fenómeno influencia a forma como bens e serviços culturais são produzidos, como circulam e são consumidos, afeta direta ou indiretamente as práticas de leitura e as mediações que fomentam hábitos de leitura estáveis, que estimulam a leitura pela leitura, que orientam e facilitam a seleção de leituras de forma adequada.

Nas formas de circulação dos textos já não exercem influência somente os atores tradicionais, como as editoras e a imprensa, mas também, e de forma decisiva, os próprios destinatários: leitores que partilham a leitura no imediato, recomendam, criticam e sugerem, integram tertúlias e debatem de forma síncrona. Apropriam-se inclusivamente das histórias, de tal forma que, produto de uma dimensão participativa exacerbada pelas plataformas sociais, abandonam o papel de leitor para intervir nas histórias. Ignorando as diretrizes de proteção e integridade dos textos, produzem novas

Num ecossistema convergente, todos os bens e serviços culturais fluem nas mesmas redes e estão acessíveis em qualquer momento a partir de qualquer dispositivo.

histórias, modificam a narrativa original, percorrem o passado e imaginam o futuro dos personagens, forçam o contacto e a interseção entre histórias, reescrevem-nas inclusivamente sob a forma de “originais” remixados.

Nessa nova ecologia cultural, a principal fonte de energia já não é a capacidade de edição ou a potência de emissão, a capacidade de produção ou de distribuição, mas antes a atenção dos consumidores. Para além do mais, as formas de legitimação e as práticas de leitura ilustradas coabitam com formas alternativas de natureza nem sempre disruptiva, leituras cinzentas, invisíveis, difíceis de registar, desinformadas, fragmentadas ou envergonhadas.

De uma forma dinâmica, os leitores vão definindo uma parte do ecossistema como o seu território, a partir de lotes ou nichos que vão explorando e espécies ou comunidades de leitura e escrita que, de uma forma intencional, identificam como compatíveis. O ecossistema oferece um catálogo que, pela sua vastidão, permite aos leitores evitar adjacências incómodas, refugiando-se em microgéneros e dissolvendo as inevitáveis grandes categorias da tradição ilustrada.

Retiram e ordenam do ecossistema o que lhes parece significativo, por forma a configurar ecologicamente o seu próprio trajeto, partilhado de forma parcial, provavelmente sem o saber, com outros da mesma “comunidade de gostos”, pessoas com um estilo semelhante de navegação e consumo, estratégias análogas e instrumentos cognitivos parecidos. As áreas não representam uma unidade totalizadora homogênea, mas sim um catálogo de microgéneros, definido a partir de gostos editoriais verticais, das suas capacidades pessoais e de algumas suposições sobre a instrumentalidade e sobre as consequentes valorações sociais das suas práticas (repercussões sociais e notoriedade). As áreas resultantes não são estáveis, já que as práticas individuais são temporalmente dinâmicas, adaptando-se aos contextos da vida, no espaço e no tempo.

As práticas, mais ou menos reguladas institucional, social ou familiarmente, sobretudo em função do vínculo com o sistema educativo formal, caracterizam-se pelas interações tanto no interior do microsistema personalizado (entre autores e textos escolhidos), como entre o interior e o exterior, os lados formais e informais que a própria ecologia define, os trajetos formativos

Nas formas de circulação dos textos já não exercem influência somente os atores tradicionais, como as editoras e a imprensa, mas também, e de forma decisiva, os próprios destinatários.

Da pluralidade de leituras e das formas de as colocar no mesmo plano surge a capacidade de construir sentido, relacionar a ficção e a não ficção, de relacionar mundos distantes espacial ou temporalmente e criar universos paralelos.

e as experiências vivenciais, as bibliotecas de material impresso e os repositórios digitais. O microsistema que as pessoas utilizam para se informar, conhecer e aprender possui uma dinâmica de fronteiras porosas que transita em ambos os sentidos, do sistema formal ao sistema informal e vice-versa, do registo impresso ao registo virtual.

Da pluralidade de leituras e das formas de as colocar no mesmo plano surge a capacidade de construir sentido, relacionar a ficção e a não ficção, de relacionar mundos distantes espacial ou temporalmente e criar universos paralelos. A simultaneidade sem lugar reúne os leitores na procura de prazer complementar ao que o autor imaginou e a editora sugeriu ou prometeu. A criação desses universos constitui uma forma de se integrar no microsistema ecológico sob uma roupagem alternativa que o identifica como sujeito de leitura e de escrita. |



Foto por Olesya Yemets da Unsplash

A ecologia da leitura e as novas mediações

A leitura é uma forma profunda de atenção à escrita, tanto ao texto na sua finitude como ao processo sobre o qual se debruça. O papel da mediação consiste em levar a leitura, pelo menos de forma provisória, ao centro de uma nova ecologia cuja economia se baseia na atenção e nas formas em que se partilham os textos. Nesse sentido, o que se requer é prestar atenção à atenção.

D

Desde meados do século XVI que vivenciamos o “Parênteses de Gutenberg”, caracterizado pelo significado cultural da imprensa e, especialmente, pelo livro transformado em emblema cultural ocidental. Ainda assim, a história recursiva dos média sugere que os “novos” média não são mais do que paradigmas que se acumulam sem intenção de substituir os anteriores. Resumidamente, uma história sumativa, o eventual fecho do parênteses de Gutenberg iniciará uma ecologia cognitiva distinta e empenhada na navegação num ecossistema de grande variedade de média e agentes de espécies distintas, competindo e colaborando em fragmentos de tempo cada vez menos prolongados. Desde que a Internet sugeriu esse fecho, a ecologia da leitura tornou-se mais diversa, pelo menos no que respeita a contextos e suportes, assim como tornou mais exigentes as competências da leitura e, também, as competências dos mediadores da leitura.

A história recursiva dos média sugere que os “novos” média não são mais do que paradigmas que se acumulam sem intenção de substituir os anteriores.

A unicidade do texto
não é unicidade.
A dinâmica do
texto, como a
cidade rizomática,
opera de forma
estratificada por
níveis (aparentes
e subjacentes)
e a produção de
sentido não está
estritamente
vinculada à sugerida
linearidade do texto.

Este olhar ecológico implica que a leitura de textos se faz de forma localizada. Por outras palavras, o vínculo com o texto consiste numa operação em que o texto funciona numa determinada situação histórica. Toda a cena da leitura representa algo imperfeito, que não é abstrato. A relação do sujeito com o texto, inicialmente regulada por um suposto valor de intercâmbio (autor/ editor/ leitor) e por uma expectativa sobre a experiência (receção, instrumentalidade, valência), acaba por se ajustar à realidade de uma prática impura. Quiçá imperfeita, quiçá instável. O contributo da mediação é inerente a esse olhar ecológico.

Sob o paradigma digital, o equilíbrio ecológico pode ser ou parecer neutro, ainda que seja distinto em todas as perspetivas, uma vez que as práticas são sempre influenciadas pelos suportes e mediações, e que as partes do texto não operam nem se relacionam com o todo da mesma forma. A unicidade do texto não é unicidade. A dinâmica do texto, como a cidade rizomática, opera de forma estratificada por níveis (aparentes e subjacentes) e a produção de sentido não está estreitamente vinculada à sugerida linearidade do texto. Planos em que nem os atores sociais nem as linguagens operam com a mesma intensidade, apesar de estarem hiperligados.

A microecologia do texto escrito copia de uma forma imaginativa os contornos da literacia dos leitores, enquanto a ecologia da leitura, tal como a descrevemos, consiste num mapa provisório que inclui territórios pouco definidos ou impessoais, onde fica evidente a importância do latente, um mapa que colabora na navegação sem oferecer a segurança que representa o linear, descreve o fluxo ou as rotas mais favoráveis entre tantas bifurcações possíveis, entre tantas unidades semânticas ou subsistemas descentralizados. Nessa nova ecologia da leitura, a prática ativa múltiplas reconfigurações, nas quais o indivíduo se vê como convidado a integrar-se performaticamente em diversas microcomunidades de leitura e escrita em múltiplas linguagens, muitas delas efêmeras.

Mais do que na informação ou no saber em abstrato, o foco encontra-se na gestão da experiência, na relação do sujeito com o texto numa prática contextualizada. Nesses mesmos cenários de uma nova cultura letrada convergem diversos suportes e linguagens, entrecruzam-se fontes e tradições. Nessa interseção, uma diversidade de vias de acesso é mediada por distintos agentes.

Mais do que na informação ou no saber em abstrato, o foco encontra-se na gestão da experiência, na relação do sujeito com o texto numa prática contextualizada. Nesses mesmos cenários de uma nova cultura letrada convergem diversos suportes e linguagens, entrecruzam-se fontes e tradições. Nessa interseção, uma diversidade de vias de acesso é mediada por distintos agentes.

Chegou o momento em que manter o texto sempre fluido se converteu numa prioridade, não só em termos de representação (texto que se ajusta ao tamanho dos suportes), mas também na forma de se desagregar e circular.

A contextualização das práticas incide no desenvolvimento das possíveis ligações do sujeito com o texto, nas formas de resolver as assimetrias nas relações (a mediação pedagógica tem um papel relevante no sistema formal), as múltiplas ligações e interações que se criam em torno do texto e na gestão das tensões que se geram na coexistência com os outros vetores culturais.

Nesta nova ecologia da leitura, na passagem ao ecrã, a lógica arte-factual não perde relevo ou importância. A polivalência do computacional, que absorve todo o tipo de operações e obscurece processos, consiste num exercício de dissimulação conveniente em primeiro lugar para a *tékhnē*, uma vez que se deixa de sentir a sua verdadeira influência e a sua carga ambivalente para as práticas da leitura.

Uma nova ecologia da leitura evita utilizar operadores reducionistas que discriminam o canónico e letrado do periférico e ignorante, o global do folclórico, que ressalta o prestígio da escrita face à oralidade ou impõe uma hierarquia entre as linguagens para evitar o desgaste do texto, emblema civilizatório da modernidade erudita e do conhecimento legitimado. As competências para dispor dessa nova ecologia exigem superar a literacia parcelar. A mediação, por seu lado, exige as competências adequadas face a essa nova situação.

A nova ecologia da leitura não funciona em abstrato, embora a materialidade do livro impresso tenha perdido a exclusividade de ancorar o texto. Numa primeira fase, este processo de transição incluiu uma multiplicação de suportes de receção-leitura, podendo o conteúdo ser armazenado parcial ou totalmente em cada um deles. Com o passar do tempo, chegou o momento em que manter o texto sempre fluido se converteu numa prioridade, não só em termos de representação (texto que se ajusta ao tamanho dos suportes), mas também na forma de se desagregar e circular, o que implica o não alojamento ou armazenamento em nenhum dispositivo. A “lei do acesso” acima da “lei da propriedade”. Com isso, ao fazer um inquérito, algumas perguntas perdem o sentido, por exemplo “Quantos livros tens em casa, na tua biblioteca?”.

Nesta fase, o texto circula progressivamente com mais ou menos pontos de ancoragem. Poder-se-ia dizer que a nuvem¹ é a mensagem.

1 Universo simbólico que abrange conteúdos e metadados (dados sobre o conteúdo) e um conjunto de serviços “transparentes” de acesso e gestão dos conteúdos. Os metadados incluem: dados de atualização, de relação com outros conteúdos, dados sobre direitos de propriedade e uso, e sobre transações horizontais e verticais que representam como, quando, sob que condições, de onde e quem acedeu.

Muito mais do que uma construção simbólica e abstrata de serviços globais invisíveis, trata-se de um emblema da imaterialização atual com forte impacto na ecologia da leitura. A imaterialidade faz com que quase nada se possa visualizar, ler ou mostrar no *tablet* ou no telemóvel sem circular por nenhuma rede. Além disso, nada na nuvem parece verdadeiramente distante.

Nunca como hoje, este fenómeno de ordem tecnológica, mas também económica e política, alcançou tal influência nas novas formas de produzir e partilhar conteúdos culturais, o que deriva do facto de o nomadismo, um fenómeno crescente de ordem comportamental sobretudo urbano, se ter informatizado tanto. Os processos de geolocalização e de personalização através dos dispositivos móveis começam a desempenhar um papel relevante nos comportamentos sociais e na dinamização da relação que as pessoas adotam com o sistema cultural-mediático. Em função do contexto de utilização, do valor económico da acessibilidade e das facilidades para se manter aberto à comunicação horizontal, o utilizador escolhe a plataforma de leitura e de intercâmbios. Todos os conteúdos competem entre si, disponíveis a partir de qualquer lugar, através de vários sistemas económicos, obrigando a repensar a força das abordagens que pretendem fazer distinção entre média, contextos e entre conteúdos sob uma caracterização das práticas sociais que já não o permite.

Em virtude da tecnologização dos contextos, lugar e espaço perdem sentido quando já não coincidem. Embora nem as salas de aula nem as bibliotecas olhem para essa dissociação com agrado, as práticas sociais dão-nos a conhecer um grande número de utilizadores que, alternando quotidianamente entre a visibilidade e a invisibilidade através das redes, entre serem sujeitos de fala e destinatários públicos, não estão dispostos a aceitar indicações de modo obrigatório sobre o que ver, ouvir ou ler, em que dispositivo, em que altura e em que contexto, pelo menos não como antes. Cidadãos que não interrompem as suas

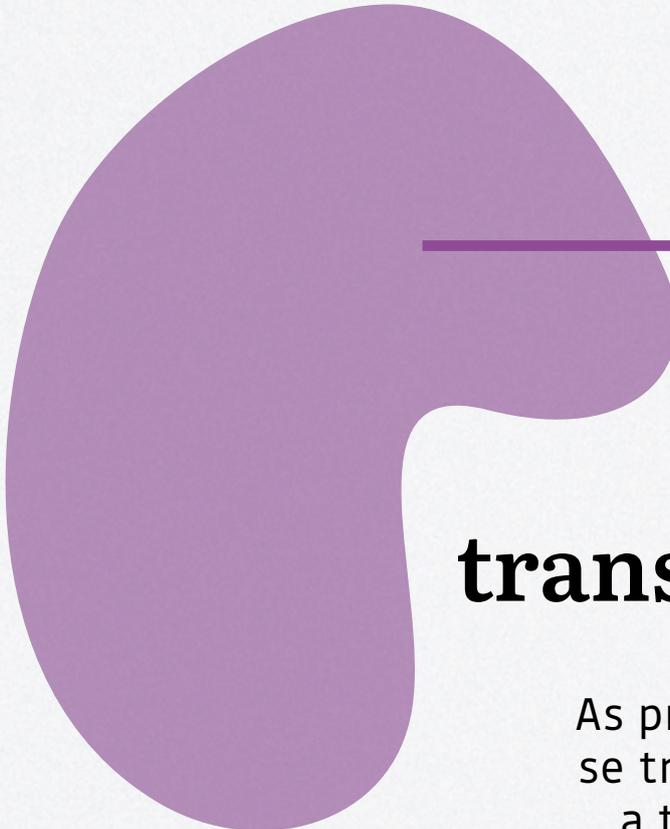
Os processos de geolocalização e de personalização através dos dispositivos móveis começam a desempenhar um papel relevante nos comportamentos sociais e na dinamização da relação que as pessoas adotam com o sistema cultural-mediático.

Dado o modelo
não ter
vocaçãõ para
se substituir
aos anteriores,
a acumulaçãõ
produz hibridez
e múltiplas
combinações.

conversas quando passam de um lugar privado a um lugar público, pessoas que representam uma parte proporcionalmente crescente da população que tende a entrecruzar práticas comunicacionais com qualquer tipo de leitura, comprometendo linguagens, narrativas e tecnologias distintas, sem que o contexto tenha qualquer importância.

As utilizações do tempo que tanto mudaram nas últimas décadas, a importância dos média e das redes sociais, a renovação dos imaginários jovens, não permitem a simplificação das mudanças das práticas de leitura. Por um lado, as interseções entre práticas sociais abundam; por exemplo, entre o consumo televisivo e a leitura, suscetíveis de múltiplas combinações. Por outro lado, uma tendência muito em voga, o excesso de equipamento, dá lugar a um “empilhamento” de média e a um consumo encoberto de conteúdos. Dado o modelo não ter vocação para substituir os anteriores, a acumulação produz hibridez e múltiplas combinações. O mais evidente são as renovadas relações atravessadas pelas mediatizações entre escrita e leitura, escrita e visionamento ou escuta, ligações que costumam estar sobrerrepresentadas nas práticas dos mais jovens. A esta transição está associada a ressignificação dos atores sociais, primordialmente os mediadores culturais. |

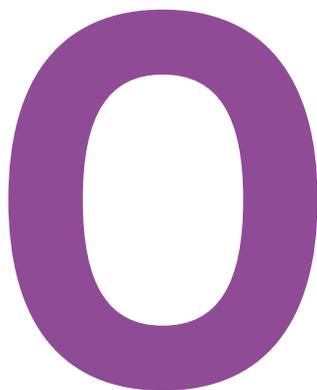




Épocas de transição e transmedialidade

As práticas de leitura tornaram-se transmediais. A leitura tende a transcender o texto de base colocando-o em adjacência a outros textos, enquanto desafia a ordem e questiona a autoridade criativa do autor com as vozes de outros agentes sociais que se ativam não programaticamente, reconfigurando o cenário com formas de participação imprevisíveis e códigos moldados pelas distintas plataformas.

TAGS: SUPORTES E LINGUAGENS;
HIPERLEITOR; TRANSMEDIALIDADE



O texto inscreve-se nas diversas combinações de suportes e linguagens, para cumprir a finalidade em determinado contexto. Cenários em que confluem indivíduos e objetos com competências não equipotenciais. Alguns hiperobjetos coabitam com indivíduos tímidos.

Nesses cenários, o hiperleitor convoca distintos recursos e vozes para desempenhar papéis complementares e entrecruzar-se com a finalidade de alcançar a diversão ou a aprendizagem. Talvez esta convergência de vozes e conteúdos consiga acabar com as distâncias ou desvendar as passagens misteriosas do autor, resolver as áridas tramas, aprofundar ou aumentar o texto, socializar a atividade de descobrir e partilhar os resultados. Desta forma, a atenção sobre cada suporte articula-se com outras (*meshing media*) para favorecer a produção de sentido. Qualquer autor reconhece facilmente estas passagens suscetíveis de distanciar o leitor e que requereriam um esforço de completamento colaborativo, conteúdos e recursos aos quais se acede por convite autoral, editorial ou curatorial. O autoral tradicionalmente escrito em nota de rodapé ou no texto de diferentes formas e com finalidades diversas, explicativa, mais extensa ou de remissão. O editorial recorre à margem ou à hiperligação. O curatorial completa um ambiente de leitura em torno do texto-livro.

Todas estas vias forçam um salto que o leitor resolve de forma diferida ou imediata. Um código bidimensional que convida à utilização de um dispositivo distinto, uma plataforma descodificada que deriva no acesso a uma externalidade. Uma simples hiperligação se se tratar de um texto digital. A leitura do código na margem do parágrafo árido ou incluído numa imagem acarreta uma derivação, uma remissão numa hiperligação que dirige o leitor a um recurso complementar, outro texto, uma imagem, um vídeo. Nestes casos, o processo editorial ou curatorial reconfigura os papéis e o vínculo autor-leitor e leitor-leitores, atores sociais interligados numa atividade de curadoria substantiva que visa a construção de um ecossistema leitor.

A atenção sobre cada suporte articula-se com outras (*meshing media*) para favorecer a produção de sentido.

A forma como o hiperleitor gere as tensões relacionadas com o comportamento dos demais atores sociais (narradores, enunciadores, facilitadores, mediadores, curadores) que compõem o cenário é inerentemente dinâmica.

Assim como existem práticas convergentes, fruto do trabalho autor-editor ou das estratégias do próprio leitor, existem outras nas quais os suportes ou dispositivos se amontoam de forma desalinhada ou divergente, o que, sem nos converter todos em equipotenciais, evita conceder um carácter protagonista ou central a qualquer um deles. Enquanto no cenário convergente os suportes e conteúdos colaboram na melhoria da compreensão do “texto de base” ou enriquecem o processo da descoberta, isto é, favorecem o protagonismo de um componente do cenário em relação aos outros, a divergência constitui um cenário de tensões e conflitos entre estímulos com um desenlace mais incerto. O nível de convergência entre os recursos em jogo condiciona a *performance* do leitor, bem como o resultado.

A disposição que adota esta complexa combinação de suportes e linguagens não é definitivamente convergente ou divergente. A forma como o hiperleitor gere as tensões relacionadas com o comportamento dos demais atores sociais (narradores, enunciadores, facilitadores, mediadores, curadores) que compõem o cenário é inerentemente dinâmica. Dinâmicos são também os conteúdos (atualização, revinculação, comentários de outros leitores) que corrompem o processo de hiperleitura intuitiva, e a potência do coloquial que impõe uma lógica de horizontalização ou lateralização da leitura. A comunicação interpessoal tem um peso relativo crescente rompendo todas as esferas. Nos cenários transmediais, nenhum conteúdo tem, *a priori*, o protagonismo assegurado. Os espaços temporais tendem a converter-se em micromomentos. O *momentum* é o que importa.

Na transmedialidade, os leitores veem o seu estatuto aumentado. Sem pretenderem adquirir um estatuto bem distinto, diferenciam-se do papel tradicional. Fragmentam o tempo de atenção entre suportes e conteúdos, fracionam a prática em passagens que podem ser imersivas e contemplativas, ou em trechos de aproximação a uma “realidade alternativa” (outra narrativa: um *spin off*), produto da não-linearidade e da lateralização. Desagregam o tempo em leitura e escrita, em estar e participar, em comportar-se como *voyeurs* e transformar-se em cocriadores. Na cena encontra-

As práticas transmediais podem ser altamente eficazes na construção de comunidades, algo incontornável tendo em conta que o sistema cultural-mediático vive um período de excessiva produção de conteúdos na qual a visibilidade perante os potenciais públicos se transforma numa tarefa extremamente exigente.

se presente o vertical, a narrativa de base à qual o leitor concede o privilégio entre outros conteúdos, e o conversacional, o partilhado, a horizontalidade, a disputa interpretativa ou o prazer de se sentir parte de um coletivo.

As práticas transmediais podem ser altamente eficazes na construção de comunidades, algo incontornável tendo em conta que o sistema cultural-mediático vive um período de excessiva produção de conteúdos na qual a visibilidade perante os potenciais públicos se transforma numa tarefa extremamente exigente. Os cenários transmediais podem conter passagens prolongadas, como a extensão de um capítulo, ou etapas efémeras, como um *hashtag*. Em todos os trechos podem ativar-se atores, argumentos e linguagens diferentes. A cada passagem pode corresponder uma comunidade de leitores-utilizadores, subcomunidades de indivíduos, distribuídos geográfica e mediaticamente, que participam em múltiplas linguagens (áudio, vídeo, textos), através de múltiplos dispositivos e utilizando sistemas económicos diferentes (pago, *freemium*, gratuito) -tudo isso sem restrições espaciais ou temporais.

As atuais práticas de leitura-escrita tendem a converter-se em processos estruturantes da experiência no imediato, de natureza diferente dos processos anteriores, nos quais a expressão e a partilha implicavam quase sempre um desfasamento. Um ecossistema cada vez mais caracterizado pelos espaços de conversação, pelo tempo de colaboração e pela alternância de papéis entre emissores e recetores, que funciona melhor quanto mais conseguir inserir o texto num universo simbólico permeável, onde reina um certo espírito de colaboração para a interpretação dos factos e a criação de novas histórias. A curadoria compete a professores e bibliotecários e é um dos maiores desafios desta complexa transição. |

A relação leitura-escrita

Mais do que os discursos deterministas ou céticos sobre a incidência das tecnologias na produção, circulação e consumo de conteúdos culturais, todos mais fundados no ideológico do que na observação e na verificação dos comportamentos sociais, é provável que o resultado exacerbe combinações mais complexas na relação das pessoas com o sistema cultural-mediático.

Embora frequentemente se constate que os textos continuam a ocupar um espaço nos universos simbólicos dos mais jovens, também se verifica simultaneamente uma transição nas suas representações. Os textos apresentam-se sob outras disposições e coabitam com maior frequência em cenários mais competitivos. Os jovens leem de outra forma, negociam as suas práticas de leitura em função do retorno que procuram (prazer, estudo) e têm um olhar mais pragmático do ato da leitura, que, *a priori*, está desprovido de valores e significados diferenciais. A leitura não conta com o estatuto de exceção que a música possui em todos os contextos e lugares, o que a leva a ocupar um lugar mais modesto perante outros consumos culturais, sobretudo entre os jovens. Os universos simbólicos dos jovens são facilmente atravessados por formas de sociabilidade, presenciais ou mediatizadas, estratégias de partilha que tendem a destacar-se nos cenários de consumo.

Mas, mesmo quando há uma certa rutura em relação às outras gerações, as novas experiências que colocam o livro na mesma cena a par de outros suportes e fontes não são exclusivas dos públicos mais jovens. É cada vez mais frequente ver como o texto coabita com conteúdos de outra natureza e o leitor de todas as idades, oscilando entre a leitura

É cada vez mais difícil separar a prática social ou cultural do fenômeno tecnológico, como o é separar o ato da leitura da prática de escrita. Apesar de o futuro do livro ser matéria de controvérsia, poder-se-ia afirmar que, mais do que nunca, o futuro da leitura está ligado ao futuro da escrita. Embora não seja verdade que, no ecrã, o leitor se transforme em leitor-escritor, o fenômeno tem tendência a crescer.

TAGS: LEITURA-ESCRITA; JOVENS;
COMPETÊNCIAS TRANSMÉDIA

contemplativa e a hiperatividade dos ecrãs, entre o consumo e a produção, e entre a esfera privada e a pública entrecruzadas frequentemente. A tensão das cenas está vinculada à eficácia com que o utilizador escolheu a sua ecologia dos média e com as disposições do diálogo entre “coabitantes”, tanto pessoas que interagem remotamente como média de natureza diferente. O leitor coloca-os em concorrência e em colaboração, sem abandonar nenhum, mas interagindo com todos por forma a extrair o maior valor possível de cada canal, reconhecendo as vantagens de cada linguagem com um sentido de economia de esforço, mas também de fruição e de funcionalidade.

Em todos os casos, é cada vez mais difícil separar a prática social ou cultural do fenómeno tecnológico, como o é separar o ato da leitura da prática de escrita. Apesar de o futuro do livro ser matéria de controvérsia, poder-se-ia afirmar que, mais do que nunca, o futuro da leitura está ligado ao futuro da escrita. Embora não seja verdade que, no ecrã, o leitor se transforme em leitor-escritor, o fenómeno tem tendência a crescer. Enquanto antes as intervenções do leitor se faziam nas margens, furtivas e íntimas, agora o cenário, transparente, implica um exercício de alternância desequilibrada entre leitura e escrita, esta última particularmente responsável por dar visibilidade e valor à existência do leitor como nó de uma rede. O percurso do texto, geralmente o mais estável da cena, pode tornar-se tão intermitente como a utilização das outras linguagens e suportes. A instabilidade dos ecrãs coexiste na tensão com a estabilidade do suporte livro. O canónico depara-se com a intervenção, às vezes coletiva e anónima, individual e nominativa. Desde que a Internet recolocou o texto no centro da comunicação e das experiências de consumo cultural em detrimento da oralidade, a escrita também renasceu. Até ao atual fenómeno da hiperconetividade que facilita o *streaming* de vídeo, o texto lidava melhor com a concorrência.

Os jovens leem de outra forma, negociam as suas práticas de leitura em função do retorno que procuram (prazer, estudo) e têm um olhar mais pragmático do ato da leitura, que, *a priori*, está desprovido de valores e significados diferenciais.

A instabilidade dos ecrãs coexiste na tensão com a estabilidade do suporte livro. O canónico depara-se com a intervenção, às vezes anónima e coletiva, outras vezes individual e nominativa.

Não existe um modelo de ecossistema no qual predomine um tipo de vínculo leitura-escrita, o qual não costuma certamente estar predefinido ou responder a uma estratégia pré-desenhada pelo leitor-participante.

A escrita não tem um carácter único nesses cenários, nem adota um único estatuto gramatical, respondendo a finalidades muito diversas e adotando estéticas e plataformas de natureza muito variada. Pode ter um carácter participativo-individual – por exemplo, os comentários a uma publicação num blogue, a uma notícia ou a um vídeo –, pode ser escrita produtiva-colaborativa – expressão típica dos trabalhos dos fãs (*fanfiction*) –, de natureza produtivo-autónoma – como a escrita de uma publicação num blogue pessoal ou a escrita de um *tweet* –, ou, por último, de carácter comunicativo – por exemplo, o correio eletrónico, que torna epistolar o intercâmbio, ou o *chat*, onde a escrita oraliza as mensagens. Não existe um modelo de ecossistema no qual predomine um tipo de vínculo leitura-escrita, que não costuma certamente estar predefinido ou responder a uma estratégia pré-desenhada pelo leitor-participante. Contudo, não devemos apenas atender às formas de escrita, mas também – e em primeiro lugar – às múltiplas relações que a leitura mantém com a escrita, o vínculo que existe ou não entre os dois processos e o papel que desempenham as competências adquiridas para retirar valor desta relação.

As cenas a que fazemos alusão parecem indescritíveis mediante uma sociografia da leitura, ainda para mais se se partir dos pressupostos tradicionais. A intermitência, a alternância, a esporadicidade e a não sequencialidade, tal como as variantes na relação leitura-escrita, são elementos constitutivos de cenários regulados por lógicas cada vez mais pessoalizadas, que julgam permanentemente o papel do livro e o valor do texto.

Da perspetiva dos utilizadores, as competências transmídia constituem uma série de conhecimentos relacionados com a produção, o intercâmbio, o consumo de meios interativos digitais, que vão dos processos de resolução de problemas em videojogos à produção e ao intercâmbio de conteúdos em plataformas e redes. A criação, produção, intercâmbio e consumo crítico de conteúdo narrativo (*fanfiction*, *fanvids*, etc.) também fazem parte deste universo. |

	LITERACIA	LITERACIA MEDIÁTICA	LITERACIA TRANSMÉDIA
LINGUAGEM	Texto escrito (ler/ escrever)	Multimodal	Multimodal
SUPORTES MEDIÁTICOS	Livros e textos escritos	Imprensa, audiovisual e digital	Redes digitais – Meios interativos – Transmídia
OBJETIVOS	Criar leitores e escritores críticos	Criar consumidores críticos e, por vezes, produtores	Criar <i>prosumers</i> críticos
INTERPELAÇÃO	Como iletrado	Como consumidor passivo	Como <i>prosumer</i>
DIREÇÃO	<i>Top-down</i> (do topo para a base)	<i>Top-down</i> (do topo para a base) <i>Bottom-up</i> (da base para o topo)	1) <i>Bottom-up</i> (da base para o topo) 2) <i>Top-down</i> (do topo para a base)
CONTEXTO DE APRENDIZAGEM	Formal (escolas)	Formal (escolas), não formal e informal	De informal a formal
PAPEL DO PROFESSOR	Autoridade de conhecimento – Mediador entre estudante e texto	Mediador de conhecimento – Criador de experiências de aprendizagem com os média	Facilitador do conhecimento – Tradutor cultural
REFERÊNCIAS TEÓRICAS	Linguística	Teoria dos efeitos dos <i>mass media</i> – Estudos culturais	Ecologia dos média Narrativas transmídia Estudos culturais

Scolari C. (2016) *Literacia transmídia na nova ecologia mediática: livro branco*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Departament de Comunicació, 2018.P.4.

Mediadores e influenciadores: sobre as novas formas de prescrever

A prescrição responde a uma dupla tradição. A que provém indiretamente do exercício do jornalismo cultural como crítica, que emite um parecer a partir de uma perspectiva a meio caminho entre a erudição e a vulgarização, opinião à qual se atribuía um valor meritocrático que acabava por orientar o consumo com um sentido prescritivo. A outra, que identifica uma prática característica do ambiente escolar pela qual se verificam as leituras através de um exame de compreensão individual de um texto de significado fechado ao qual se acedeu por indicação do professor.

TAGS: MEDIADORES; INFLUENCIADORES; ECOSISTEMA DIGITAL;
LEITURA SOCIAL; ALGORITMOS

A

A dimensão da mediação de natureza pedagógica ou docente implica uma orientação que leva a abrir o texto e a oferecer um acesso mais interpretativo, o que dá origem a atividades mais produtivas do que reprodutivas, nas quais são postas em jogo formas pedagógicas de cruzar as distintas leituras em aula. Isto implica uma

reconfiguração da aula em forma de diálogo entre interpretações particulares, destacando o que é mais relevante para o tratamento didático das obras e a formação na receção crítica por parte dos alunos. Uma prática não exclusiva, mas frequente, entre os professores de literatura, intérpretes e críticos de texto, mediadores que partilham as metodologias de análise, estimulam e animam a leitura. A mediação pedagógica requer uma atitude de acompanhamento, orientação e diálogo, apesar de, nas condições do sistema, adquirir laivos de prescrição.

A mediação pedagógica requer uma atitude de acompanhamento, orientação e diálogo, apesar de, nas condições do sistema, adquirir laivos de prescrição.

No ecossistema digital, os textos circulam normalmente em plataformas, sendo aí possível observar a integração de novos atores sociais com práticas disruptivas na tradicional cadeia de valor do livro, agentes de natureza distinta e finalidade semelhante: promover a tomada de decisão dos leitores. A atividade destes recomendadores é baseada em técnicas genéricas para influenciar a tomada de decisões dos utilizadores através de mensagens promocionais, técnicas que se aplicam a uma infinidade de produtos em variadíssimas situações e em plataformas sociais abertas. Estes influenciadores representam um universo diverso de pessoas que, aplicando técnicas conhecidas e indicadores de dimensão viral, conseguem que as suas mensagens tenham uma visibilidade que garanta destaque. Numa notável e rápida escalada até à popularidade, mas não à massificação, por se tratar do livro, alguns são microinfluenciadores (trabalham com um só género) ou influenciadores semiprofissionais (apoiados pelas editoras), mas todos aceitam e utilizam a seu favor as regras

Estes influenciadores representam um universo diverso de pessoas que, aplicando técnicas conhecidas e indicadores de dimensão viral, conseguem que as suas mensagens tenham uma visibilidade que garanta destaque.

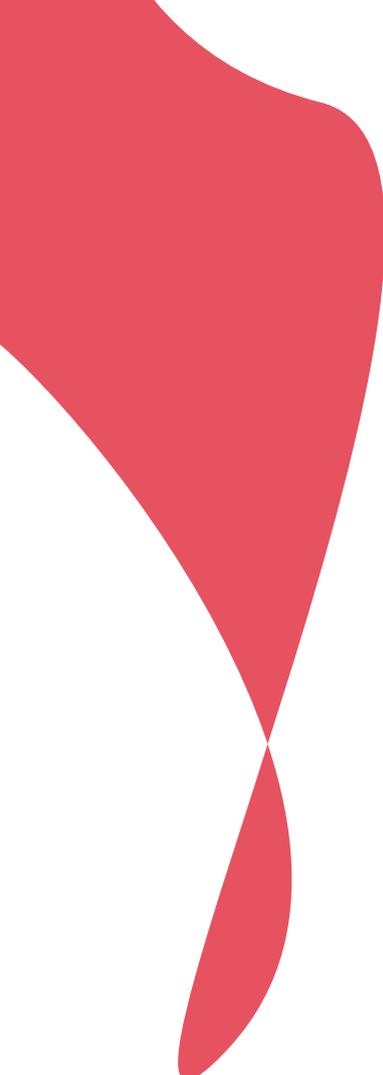
técnicas das plataformas de modo a fazerem emergir as suas mensagens. Os *booktubers* não são um fenómeno novo. Com uma finalidade análoga, trabalham agora noutras plataformas. *Bookinstagrammers* e *booktiktokers* adaptam o formato anterior às disposições de plataformas ubíquas predominantes nos telemóveis, principalmente em relação à brevidade e ao efêmero. Os @ e os # encabeçam grande parte destas estratégias. Trata-se, na verdade, de formas de recomendação que intervêm na cadeia de valor do livro, partindo de um lugar plano e próximo

dos leitores, como se se tratasse de uma recomendação de amigos, de pares, com certo ar familiar, produzindo muitas vezes efeitos importantes entre os não leitores e contribuindo para certos fenómenos de venda editorial.

O mais relevante é que não consideram a mensagem da mediação de natureza pedagógica ou bibliotecária, nem sequer a contradizem ou refutam involuntariamente, ignorando apenas qualquer referência fora do universo digital. São fenómenos que costumam extrair e reforçar algo do que é mais lido, sem acrescentar nada de verdadeiramente novo ou descobrir uma narrativa distinta ou excecional. São sobretudo livros do campo editorial médio com potencial de *bestseller*, se é que não o são já. É raro resgatarem um autor ou uma narrativa de entre os livros de nicho de mercado. A elevada viralidade das suas mensagens pode ligar dois ou mais textos, aparentados ou não, ou não, por exemplo, o texto original e uma *fanfiction* parcialmente relacionada.

Como resultado da viralização, estas formas de prescrição inundam todos os ecrãs com a vantagem da imediatez da conversação horizontal, a potência do vetor humor, a ironia, o histrionismo e a paródia, o lúdico e a gestão nem sempre profissional dos dados dos

O mais relevante é que não consideram a mensagem da mediação de natureza pedagógica ou bibliotecária, nem sequer a contradizem ou refutam involuntariamente, ignorando apenas qualquer referência fora do universo digital.



A prescrição do cânone tradicional aumentava a aura do livro, enquanto estas novas práticas a desgastam.

utilizadores. Utilizam ecoicos (imitam o som), pictogramas (desenham com as mãos), infografias (acompanham o som com o movimento), ideografias (expressão visual do que é dito). Nenhum recurso é excluído. O modo de operar deste tipo de influenciadores, como os *booktubers*, consiste em promover uma leitura através de uma lógica de contágio pela qual emitem a sua opinião sobre o livro, apelando a uma narrativa lúdica que inclui riso, piadas e jogos, ao mesmo tempo que convidam os leitores-pares a comentarem *online* os textos lidos. Importa salientar que a fórmula utilizada para a recomendação deve cumprir dois requisitos: a realização audiovisual e um formato curto que, de acordo com as plataformas, pode ser hiperbreve e efêmero. Para cada tipo de intervenção e plataforma há uma definição de gíria².

A prescrição do cânone tradicional aumentava a aura do livro, enquanto estas novas práticas a desgastam. As manifestações culturais e as feiras expuseram estes fenómenos populares, que transformam os recomendadores em referências de impacto superior a qualquer crítico jornalístico especializado. Isso deve-se a duas razões. Por um lado, fazem referência a publicações que, por norma, escapam à órbita editorial-prescrição canónica, livros para adolescentes e jovens, que não se situam exatamente entre as leituras prestigiadas, eruditas ou premiadas. Por outro lado, fazem comentários divertidos maioritariamente acompanhados de uma estratégia de promoção interplataformas (pois têm contas em diversas plataformas), que se vê potenciada por uma cultura participativa que atrai enormemente o público jovem. São tempos de leitura social que, não tão frequentemente como se fez crer, termina em atividades produtivas de escrita que também se partilham entre fãs-leitores. Por ser a sua natureza, o paradigma digital transversal ao ecossistema cultural promove este tipo de intervenções, que não podem ser ignoradas pelas lógicas da mediação, que devem, pelo menos, considerar a oportunidade de uma estratégia de comunicação viral para atender aos seus próprios públicos.

Nesse contexto, a tarefa do mediador consiste, por sua vez, em descriptar as mensagens dos influenciadores, pondo em evidência o fenómeno viral e apropriar-se das técnicas para intervir a favor da sua

² Por exemplo, «*book tags*, que são vídeos com uma temática especial, ou os *booktubers* que propõem perguntas e os utilizadores respondem-nas com livros em concreto. *Book haul* são vídeos onde se mostram os livros comprados durante um mês e os motivos pelos quais foram comprados. *To be read* (TBR) são vídeos onde se fala de livros que os *booktubers* leram durante o mês».

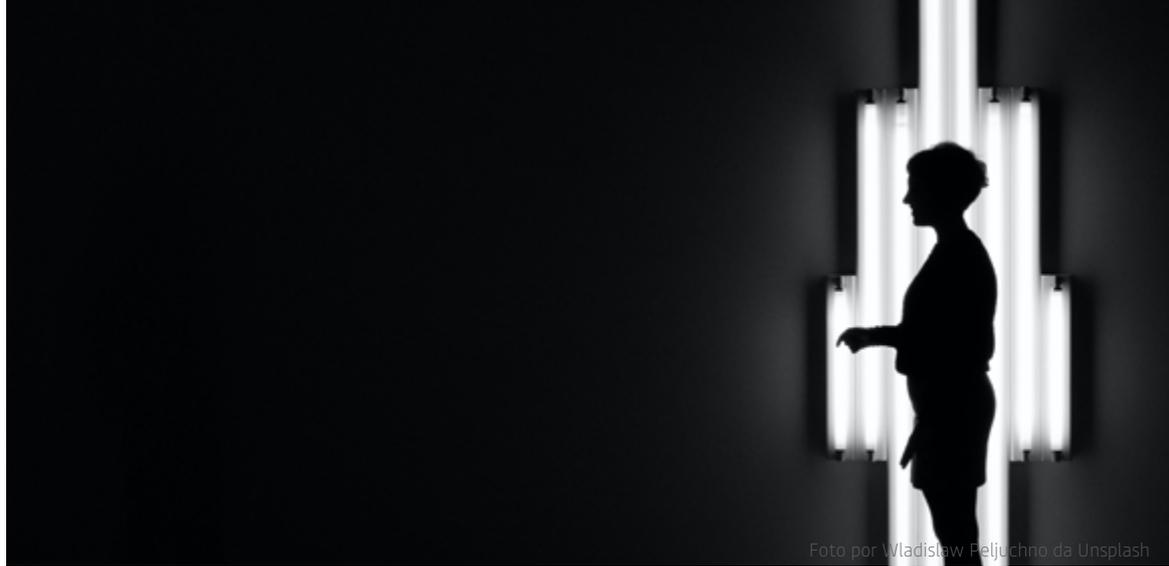


Foto por Wladislaw Peljuchno da Unsplash

própria mensagem. Embora não sejam neutras, as técnicas podem ser um veículo para chegar a públicos áridos. Não se trata de contrariar a opinião nem a posição que possam ter adquirido nas plataformas sociais, mas sim de empregar as técnicas para segmentar as mensagens e estabelecer um vínculo com uma população à qual não se chegaria de outra forma. A construção de comunidades de leitura e escrita pode ser reforçada com recurso a meios desta natureza.

O fenómeno dos recomendadores automáticos é de natureza totalmente distinta e opera com níveis de eficiência inalcançáveis. Estes algoritmos ordenam hierarquicamente uma sequência, por onde começar e por onde continuar,

partindo de um conhecimento *bigdata* e *smalldata* que não funciona só com extrema pertinência para os livros de ficção, mas também para os livros técnicos. A partir de um conhecimento impossível de alcançar com o processamento tradicional de dados, com muita precisão acerca dos comportamentos e um certo interesse pelos métodos de previsão sobre os consumos culturais, os algoritmos funcionam em detrimento de todas as mediações tradicionais e também de algumas recomendações sociais como as acima mencionadas. No caso de recomendadores automáticos, a influência assenta na preguiça do utilizador-leitor. Assim, a procura torna-se desnecessária, já que, em resposta à pergunta latente do leitor "por onde continuar", em função da trajetória do leitor e de um conhecimento explicitamente cedido e de outro inferido, o automático decide o que segmentar do catálogo, por forma a que a proposta seja irrefutável, tanto mais quanto melhor conhecer o utilizador-leitor.

A lógica da mediação de leitura pode, por momentos, mostrar passagens prescritivas, não sendo, porém, a sua finalidade, mas sim construir

Estes algoritmos ordenam hierarquicamente uma sequência, por onde começar e continuar, partindo de um conhecimento *bigdata* e *smalldata* que não funciona só com extrema pertinência para os livros de ficção, mas também para os livros técnicos.

Inúmeras experiências mostram a eficácia de estratégias da gestão de públicos implementadas em múltiplas plataformas digitais, inclusivamente quando funcionam em apoio ou suporte de uma estratégia de corte tradicional do território.

pontes com argumentação e diálogo. Nas novas formas de prescrição por parte dos influenciadores, os andaimes não estão presentes e, no que não é verdadeiramente uma conversa, vence a ideia de que quem fala é um par e que entre pares o entendimento é mais fácil. Portanto, a recomendação é mais eficaz. Simulando uma horizontalidade, uma relação com pouca inclinação e uma aparência de escassa assimetria, “encontram-se” num cenário de confidentes, como se fossem equivalentes, enquanto na lógica das mediações tradicionais literárias o plano está inclinado, o estatuto diferencial é reconhecido pelas partes e a situação é da responsabilidade do mediador.

Inúmeras experiências mostram a eficácia de estratégias da gestão de públicos implementadas em múltiplas plataformas digitais, inclusivamente quando funcionam em apoio ou suporte de uma estratégia de corte tradicional no território. Os planos e as campanhas de comunicação tendem a misturar os vetores mediáticos na procura de uma segmentação de públicos, correlacionando mensagens-destinatários-canais com as características das atividades propostas. Uma mediação ubíqua exige um diálogo aberto e omnicanal, disposto a favorecer o intercâmbio com os públicos em qualquer altura e a partir de qualquer lugar. Isto exige o repensar do papel da comunicação nas atividades de mediação, ao mesmo tempo que impõe uma tecnologização que permita valorizar o conhecimento sobre os comportamentos dos utilizadores e automatizar algumas formas de interagir sempre que se justifica. Os *chatbots* são um exemplo cada vez mais difundido entre serviços digitais. |

As lógicas das mediações pedagógica e cultural

A mediação leitora inscreve-se no universo das mediações da cultura e da educação, pelo que mantém laços estreitos com a mediação pedagógica e a mediação da cultura, ambos territórios com um desenvolvimento de infraestruturas mais estabelecidas e finalidades mais sistémicas.

A mediação pedagógica é a que promove e acompanha a aprendizagem, por outras palavras, promove o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos temas com o objetivo de tornar possível o ato educativo no âmbito de uma educação participada, criativa, expressiva e racional, contribuindo desta forma para que as representações externas se configurem como representações internas. A mediação cultural inclui as ações tendentes a reduzir a distância física, cognitiva, simbólica e social entre os objetos culturais e os seus públicos, as atividades que promovem a produção de sentido em torno de experiências partilhadas por uma comunidade sobre objetos culturais num espaço e tempo definidos, e a intervenção e regulação que implica uma finalidade pedagógica da vida social enquadrada num processo de democratização do acesso aos bens e serviços culturais.

Enquanto as mediações pedagógicas e culturais são referências macroestruturais, dentro do campo cultural a mediação da leitura coabita com a mediação artística. O mesmo acontece com os mediadores científicos ou da cultura científica, técnica e industrial.

Enquanto as mediações pedagógicas e culturais são referências macroestruturais, dentro do campo cultural a mediação da leitura coabita com a mediação artística, responsável por atividades de animação ou dinamização que procuram alargar os horizontes de apreciação estética, sensibilidade e interpretação expressiva das artes, como, por exemplo, as oficinas de criação, sobretudo em contextos áridos, com a finalidade de facilitar a articulação, os intercâmbios e as ligações comunitárias com a vocação para colaborar na reparação do social. O mesmo acontece com os mediadores científicos ou da cultura científica, técnica e industrial, responsáveis por permitir a ponte entre escola e biblioteca com os mediadores de informação digital encarregados de desenvolver o vínculo com os serviços de referência digital ou de informação de natureza digital, plataformas gestoras de conteúdos que têm tendência para influenciar de forma cada vez mais significativa as opções de ócio e

entretenimento através da utilização de sofisticados algoritmos recomendadores. No outro extremo do território da mediação da leitura, consistindo numa forma mais precisa e específica, habitam os mediadores literários, experientes no desenho, na implementação e na promoção de dispositivos de sociabilidade literária, tais como as leituras públicas em espaços fechados e eventos abertos, *performances* produtivas de escrita e expressão oral, programas temáticos e animações artísticas em torno de textos literários. Numa perspetiva mais aberta, pode colaborar com as mediações sociais que, em muitos casos, operam no contexto em que as comunidades escolares estão inseridas.

Uma vez que se trata de uma interação social, qualquer mediação é, por definição, uma situação em que estão em jogo a distância social, a distância cognitiva e, eventualmente, a distância docente. Um encontro de várias presenças, a presença do professor, a do professor-bibliotecário ou a parental-familiar, ou uma combinação de todas. A determinação do indivíduo é sempre parcial, o mediador é convidado

Qualquer mediação é, por definição, uma situação em que estão em jogo a distância social, a distância cognitiva e, eventualmente, a distância docente. Um encontro de várias presenças.

Todas as práticas de mediação apresentam um traço comum. Cada cenário representa um convite empático ao acesso ao novo, permitindo a transformação do prévio, promovendo a seleção e o ordenamento das vias de acesso à história, às personagens e ao autor, servindo de andaime para a contextualização e a reinterpretação dos factos, e estimulando a atualização crítica das ideias à luz do texto, pondo tudo isto em jogo uma combinação de competências na interseção de Cultura, Criatividade e Comunicação.

TAGS: MEDIAÇÃO LEITORA; CURADORIA; MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA; MEDIAÇÃO CULTURAL; MEDIAÇÃO ARTÍSTICA; MEDIAÇÃO CIENTÍFICA; MEDIAÇÃO SOCIAL

a reduzir a sombra que esconde os interesses e os gostos, o perfil leitor e social ou interacional. Cada mediador entra em jogo com um guião básico, semiestruturado, centrado no objeto de leitura, que deve adaptar, de acordo com o intercâmbio, já que a leitura não é una, mas múltipla, em torno da qual – não necessariamente depois da qual –, e de uma forma sugestiva, ocorre o diálogo, essa zona de proximidade empática que acarreta as maiores consequências do ponto de vista transformacional.

Todas as práticas de mediação apresentam um traço comum. Cada cenário representa um convite empático ao acesso ao novo, permitindo a transformação do prévio, promovendo a seleção e o ordenamento das vias de acesso à história, às personagens e ao autor, servindo de andaime para a contextualização e a reinterpretação dos factos, e estimulando a atualização crítica das ideias à luz do texto, pondo tudo isto em jogo uma combinação de competências na interseção de Cultura, Criatividade e Comunicação.

Aspetualmente, remetem para diversas formas de descobrir ou experimentar de modo partilhado ou orientado. Configuram-se como mapas provisórios dos quais se inferem as capacidades pré-existentes, o capital de leituras e uma modalidade para o intercâmbio. Em modo laboratório, com o prazer antecipado e partilhado da futura descoberta, a mediação consiste em sondar as dinâmicas pessoais dos destinatários para entrar nas histórias, para especular a partir de cenários, imaginar tensões ocultas e suspeitar e intuir acerca da relação entre as personagens e explorar as brechas mal dissimuladas pelo autor.

As práticas de mediação reconhecem diversidade de estilos, gostos e interesses, dinâmicas pessoais e sociais para a descoberta e a fruição. Consequentemente, a tarefa do mediador consiste em escolher a forma mais empática e convergente para cada situação, procurando uma certa eficiência na utilização de recursos, nos tempos e espaços, na descodificação, em deixar

A mediação consiste em sondar as dinâmicas pessoais dos destinatários para entrar nas histórias, para especular a partir de cenários, imaginar tensões ocultas e suspeitar e intuir, acerca da relação entre as personagens e explorar as brechas mal dissimuladas pelo autor.

Na lógica da mediação, predomina a conversa plural, diálogos que, por um lado, o mediador cria entre o leitor e as personagens da história e, por outro, os diálogos com o autor no cenário.



entrever o que não é totalmente visível, em promover trilhos alternativos, procurando colmatar as fissuras do texto, tudo isto com particular atenção à definição do público a que se destina.

A experiência em que o leitor participa na mediação é tão mais eficaz quanto mais se cria um clima de colaboração em modo laboratório, passagens suavizadas entre contemplação e produção, jogos de alternância de papéis, entre a leitura partilhada e o desejável ato imaginativo de especular sobre o que sucedeu antes (prequelas) ou o que acontecerá no futuro (sequela), esse ato criativo e produtivo de se expressar. As práticas de laboratório são situações nas quais se avança modificando, replicando, comparando, reproduzindo, fazendo.

O cuidado do estatuto primitivo do texto consiste em adotar as disposições necessárias para preservar a forma inicial na qual o autor decidiu fazer circular os seus pensamentos, a sua integridade, as relações entre as partes e o todo, esta obra e as suas outras produções. A partir desta mínima premissa, na lógica da mediação, predomina a conversa plural, diálogos que, por um lado, o mediador cria entre o leitor e as personagens da história e, por outro, os diálogos com o autor no cenário. O sujeito mediador introduz o leitor na lógica do autor, intervém para colaborar na descoberta das intenções criativas deste e assistir à desmontagem das estratégias discursivas que utiliza em cada cena, apelando ao uso de linguagens adequadas, sem descartar hibridizações, acompanhamento sonoro, amplificação ou reforço audiovisual. Ao tornar-se audível (audiotextos, ambiente sonoro), um texto pode adquirir texturas e relevos que o tornam sensitivamente distinto e fortalecer o vínculo entre o sujeito leitor e o objeto.

A partir do reconhecimento do texto, a lógica da criatividade torna-se predominante, na medida em que o sujeito leitor explora novas formas de vincular o texto às suas experiências e leituras anteriores, enquanto o sujeito mediador incentiva uma receção crítica e encoraja a progressividade para a tomada de posição e a expressão do leitor, individual, singular e suscetível de se tornar social, e da qual a escrita



Foto por Hal Gatewood da Unsplash

Na lógica da mediação, recomendar um texto é muito mais do que torná-lo visível. É tornar acessível a sua interpretação.

deveria dar conta. Surge como produto expectável da mediação um interesse natural em se introduzir no universo do texto, um processo de cocriatividade diferida em que são postos em causa os estatutos originais e até se podem interpelar e reinventar as relações (*ethos*) entre as personagens, o espaço-tempo (*topos*) em que decorrem as cenas e até a narração da história (*mythos*).

Na lógica da mediação, recomendar um texto é muito mais do que torná-lo visível. É tornar acessível a sua interpretação. A curadoria consiste em escolher uma perspectiva, entre muitas possíveis, para iluminar o objeto-texto. Em cada situação, caracterizada por um público-alvo, a lógica da curadoria é assegurar que os textos mantenham a integridade enquanto faz girar a obra sobre si mesma por forma a salientar uma parte, estabelecer uma sequência na coleção e deixar notas nas margens como narrativas latentes sobre o objeto, à espera que o leitor as atualize, modifique ou descarte. Arbitra os destaques do próprio autor e dos seus críticos, propondo uma série de relações dentro do texto e entre textos, com o autor e personagens, entre autores e histórias. Seleciona um ou vários suportes e linguagens através dos quais a narrativa sobre a narrativa se converte num marco referencial para o conhecimento e a fruição, sugere formas para expandir o universo da leitura e como ligar os factos da história às ideias do autor, enquanto deixa que se insinuem formas improvisadas de lateralizar a leitura na procura dos seus próprios mundos alternativos, e joga com a intuição do leitor na escolha das formas que adotará para a partilha da leitura, essa partilha social entre leitores. |

Espaços e tempos da mediação

O gosto pela leitura não resulta simplesmente da presença de livros, do (con)tacto, das brincadeiras infantis com as mãos ou os dentes, ainda que emocionalmente, talvez sem muitas diferenças em relação a outros objetos da infância, aí possa começar uma relação eterna.

TAGS: MEDIAÇÃO LEITORA; ESPAÇOS DA LEITURA; FAMÍLIA; PRIMEIRA INFÂNCIA; BIBLIOTECA FAMILIAR

D

De qualquer modo, os livros entram em cena na vida das crianças por decisão de alguém mais velho, um ser próximo que desejava integrar desde muito cedo no universo da criança um objeto novo, pouco manuseável, imagens e palavras. Foi o adulto quem decidiu alargar esse registo inicial de objetos que representam uma cosmovisão entre as muitas possíveis, no momento, eleita de forma hegemónica, arbitrária, unilateral. Essas decisões receberão uma resposta com marcas de dentinhos e, mais tarde, riscos e rabiscos. Umas e outros, vestígios de um encontro afetivo.

A família, seja enquanto espaço de vínculo, seja enquanto ambiente físico, representa o lugar ideal para acompanhar a criança no seu longo trajeto até aos textos. Emocional e condicionada por uma escolha alheia, a leitura aparentemente superficial começa com os volumes, as formas, as texturas, as cores, as imagens. Enquanto a palavra oralizada, repetida, manipulada sonoramente, cria o ambiente para o vínculo nascente. A família é esse espaço-tempo em que a conversa começa, em que as palavras são verdadeiramente um pouco de ar movido pelos lábios antes de serem textos escritos a sugerirem profundas leituras.

Desde aquelas primeiras experiências com a palavra escrita numa ida e volta primitiva com o sonoro, a leitura cavará o imaginário. O fator transformativo da leitura não precisa de muito mais do que um leve acompanhamento para definir vias de acesso e regras mínimas de interação. Mas, mesmo sendo sempre imperfeita, a orientação terá durante

A família, seja enquanto espaço de vínculo, seja enquanto ambiente físico, representa o lugar ideal para acompanhar a criança no seu longo trajeto até aos textos.



Foto por Chris Barbalis da Unsplash

um certo tempo, provavelmente toda a duração do ciclo escolar ou mais ainda, um papel decisivo na formação do sujeito leitor. Ao longo do tempo, os mediadores irão sobrepor-se, família e professores, professores e bibliotecários, todos procurando criar e fomentar leitores assíduos. O contexto da sala de aula fará com que a formação dos hábitos de leitura abandone o registo no qual inicialmente se inseria, na linha do prazer ou da pura descoberta. Acompanhará essa formação de hábitos uma sequência de aprendizagens controladas durante um processo extremamente complexo, um vasto período escolar, durante o qual o fator motivacional desempenhará o papel principal entre os fatores que contribuem para integrar um comportamento leitor com um estilo próprio na vida do indivíduo. Ajudar a ler por gosto, sem obrigatoriedade, para que a leitura esteja inserida no tempo de ócio, para que seja uma das diversas formas voluntárias de possibilidade de prazer, essas são as responsabilidades da mediação.

Promover a leitura de livros paraescolares é função dos mediadores. O livro inserido na extraescolaridade é produto do astuto jogo de familiares, professores e bibliotecários. Ajustar as recomendações de forma personalizada, individualizar o processo com referências sugestivas, incentivar as ligações entre as leituras e bibliotecas familiares e a escola, entre a aula e as bibliotecas, são funções dos mediadores. Identificar interesses, gostos e estilos pessoais é tarefa do mediador. Promover a relação entre a biblioteca pessoal e a escolar ou comunitária é uma das atividades que todos os mediadores devem desenvolver. Iluminar alguns textos de entre muitos, organizá-los em microcatálogo e fornecer uma sugestiva hierarquia de possíveis leituras dentro de um vasto catálogo universal são algumas das principais funções que a mediação tem de assumir. A curadoria é um exercício de facilitação, de contextualização, ativação de estímulos,

Ajudar a ler por gosto, sem obrigatoriedade, para que a leitura esteja inserida no tempo de ócio, para que seja uma das diversas formas voluntárias de possibilidade de prazer, essas são as responsabilidades da mediação.

A mediação é o conjunto de ajudas ou apoios que uma pessoa pode oferecer a outra com a finalidade de tornar mais acessível um determinado saber (conhecimentos, capacidades, procedimentos, soluções, etc.).

de apresentação, de iniciação suave para estabelecer e sustentar o vínculo sujeito-texto, de promoção da interação entre leitores do mesmo autor, do mesmo texto, de textos relacionados.

As funções da mediação são diferentes das do prescritor, que - como se encontra exclusivamente numa relação de clara assimetria de natureza meritocrática - indica o que ver, ouvir ou ler. O prescritor tem uma responsabilidade, mas sobretudo exerce um direito. É possível, contudo, que em determinados papéis a mediação se ocupe de algo semelhante, imponha ou determine de forma quase obrigatória a leitura. Também se podem encontrar semelhanças com a animação, atividade que desenha e desenvolve uma campanha com determinadas formas de dinamização entre autores e públicos

leitores, numa biblioteca, num centro cultural, numa livraria ou num clube de leitura. As analogias são pertinentes, mas, ainda que a finalidade última seja a mesma, os instrumentos e as regras podem ser diferentes. Todos estes papéis se sobrepõem, interagem, assumem muitas vezes formas híbridas, evitando taxonomias rígidas, intersetando universos imaginários, alinhando tempos e partilhando espaços.

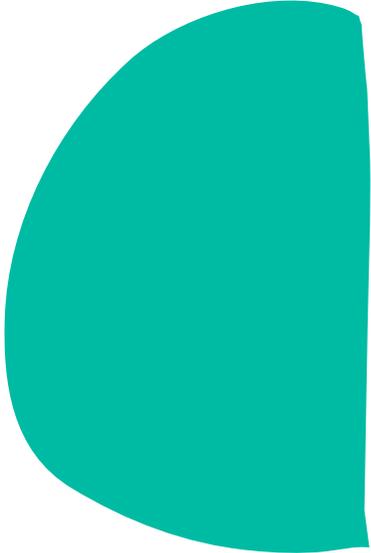
A mediação é o conjunto de ajudas ou apoios que uma pessoa pode oferecer a outra com a finalidade de tornar mais acessível um determinado saber (conhecimentos, capacidades, procedimentos, soluções, etc.). No que se refere à pedagogia, a mediação consiste em determinar e facilitar as formas que um objeto de aprendizagem deve adotar para ser acessível ao sujeito, o que provavelmente não seria possível sem essa facilitação, e cuja situação se procura remediar (re-mediador), pelo que a mediação é indispensável para as aprendizagens. Numa caracterização genérica das mediações da leitura, a linguagem, o afeto, as motivações e as emoções, os produtos culturais e as normas sociais, tudo isto entra em cena com os mediadores.

A mediação assenta em dois postulados: o discente é um sujeito social que aprende na e pela prática e pelas interações com os pares, e aprende melhor quando constrói sentido a partir de problemas situados no território que lhe é próximo. As operações de mediação requerem a interação entre o mediador,

A posição do mediador está mais próxima do polo do não-poder do que da posição do poder meritocrático.

na sua condição de terceira pessoa, o sujeito destinatário da ação e o objeto-texto. A posição do mediador está mais próxima do polo do não-poder do que da posição do poder meritocrático. Essa decisão do não-poder é mais evidente quanto mais cresce o protagonismo do sujeito destinatário. Estas duas disposições caracterizam a situação ou a experiência. O vínculo entre mediador, professor, bibliotecário, familiar ou promotor da leitura, e o destinatário da ação não se sustenta na oposição entre quem conhece e quem não conhece. Deve-se ao mediador o desenho da experiência e a criação do ambiente favorável às interações, de entre cujos fatores determinantes sobressai a motivação, por seu lado fortemente relacionada com o tipo de vínculo entre sujeitos e o nível de empatia, assim como as várias formas de sustentar a interação comunicativa, verbal e não verbal. O papel do mediador consiste em transformar a situação inicial, sugerindo diversas formas orientadas de interação com os textos por forma a diminuir de maneira personalizada a distância que separa o sujeito do texto. As formas de ativar o vínculo podem divergir de indivíduo para indivíduo, embora todas sejam operações que têm tendência a multiplicar os pontos de contacto e a descoberta lúdica.

Por outro lado, de acordo com o ciclo em que se encontra o leitor, várias lógicas mediadoras podem entrar em diálogo e trabalhar de forma complementar, tendo algumas um papel de maior destaque do que outras. Simultaneamente, as funções da mediação são específicas para cada papel, que, por sua vez, usufrui da existência de auxiliares que podem variar de acordo com a atividade, o espaço, os destinatários ou os objetos-texto. Tanto os editores como os livreiros e os animadores sociais fazem parte dessa ampla lista de auxiliares. Em todo o caso, as lógicas da mediação devem trabalhar no terreno, indo ao encontro dos públicos que, como se verá mais à frente, é uma das principais funções do mediador da leitura. |



O papel do mediador consiste em transformar a situação inicial, sugerindo diversas formas orientadas de interação com os textos por forma a diminuir de maneira personalizada a distância que separa o sujeito do texto.

A mediação familiar

A mediação aperfeiçoa-se quando se aplica em espaços específicos. A sua intervenção pode acontecer no âmbito familiar, durante os primeiros anos de vida, quando os pais criam o espaço simbólico-afetivo mais transcendente para descobrir a palavra e a oralidade, sem que haja um propósito explícito de aprendizagem da palavra escrita.

N

Nos primeiros anos de vida, sobretudo nos anos pré-escolares, uma das atividades mais comuns da mediação familiar consiste em dar voz ao autor, convertendo o texto escrito em narrativa oral, vocalizando as letras como o intérprete de uma partitura. A leitura em voz alta dá textura ao que é plano, declina os sentidos com sonoridade e ênfase, para uma interpretação ainda ingênua do (pré-) leitor. Ouve-se enquanto se lê. Constroem um sentido quando ouvem as letras e as relacionam com imagens. A circulação entre ideias-sensações, o vínculo entre o ouvido, a imagem e o texto, numa ordem assistemática, orientada pelo tom de voz. A linguagem que se faz

A leitura em voz alta dá textura ao que é plano, declina os sentidos com sonoridade e ênfase, para uma interpretação ainda ingênua do (pré-) leitor.

O leitor inicia-se nos textos num plano sensorial primitivo. O valor da função de seleção por parte dos mediadores familiares começa com estes textos sonoros e as breves poesias repetitivas com ritmos marcados, e continua com a tríade letra-som-imagem. A mediação infantil trabalha multissensorialmente e, em momentos posteriores, multimediativamente. As histórias aparecem e desaparecem num abrir e fechar de olhos.

TAGS: FAMÍLIA; LEITURA EM VOZ ALTA;
ESPAÇOS DE LEITURA

A mediação familiar é extremamente complexa dada a falta de formação específica de uma grande maioria das pessoas.

ouvir primitivamente num murmúrio, com o ritmo de uma cadência musico-poética. Sonoridades do berço que se repetem com afeto. O leitor inicia-se nos textos num plano sensorial primitivo. O valor da função de seleção por parte dos mediadores familiares começa com estes textos sonoros e as breves poesias repetitivas com ritmos marcados, e continua com a tríade letra-som-imagem. A mediação infantil trabalha multissensorialmente e, em momentos posteriores, multimediaticamente. As histórias aparecem e desaparecem num abrir e fechar de olhos. As crianças encerram-se nas histórias e a partir de pequenas janelas aprendem sobre o mundo real. Os livros *pop-up*, ou acompanhados de outros elementos sensoriais e manipuláveis com alguma independência, convertem o livro num castelo onde se mora, a narração numa epopeia que se conta em forma de rotina e ali fica, plantada como um cenário. A mediação familiar é de puro corte ficcional literário. Ainda não existe obrigação, o desejo detém todo o poder, enquanto a empatia afetuosa deriva numa primeira aproximação às letras, grandes letras e letras grandes. Os livros são classificados pelos adultos na ludoteca.

A mediação familiar é extremamente complexa dada a falta de formação específica de uma grande maioria das pessoas. Isto pode levar a copiar tradições e traços familiares ou socioculturais replicando histórias pessoais. A mediação é uma situação incômoda para a família, que não se costuma reconhecer nesse papel, o que leva a subvalorizar as funções, a desresponsabilizar os atores na situação ou a delegar na futura inclusão escolar a tarefa de fomentar o hábito da leitura. Além disso, existe o risco de a mediação não existir nem encontrar no seu entorno um agente cultural com condições para colaborar na responsabilidade de desenvolvimento dessas competências. Tal pode dever-se ao déficit de competências leitoras dos pais, à distância exageradamente programada do sistema escolar (deve esperar-se até aos 3 anos) e à deserção do sistema bibliotecário, afastado destas problemáticas socioculturais, perante a barreira simbólica que os pais sem antecedentes ou aptidão leitora devem superar para pôr a criança em contacto com esses espaços meritocráticos.

Entender a leitura como determinante no desenvolvimento da criança. Capacidade para compreender a organização dos catálogos comerciais e bibliotecários quanto ao formato e ao género, entre outros critérios a considerar na pesquisa.



A intervenção da família percorre a vida do pré-leitor e do leitor escolar com as tarefas às costas.

A começar na adequada avaliação do lugar que os adultos da família ocupam na mediação da leitura, inicialmente privativa deles e privada em termos de decisão e prática. Entender a leitura como determinante no desenvolvimento da criança. Capacidade para compreender a organização dos catálogos comerciais e bibliotecários quanto ao formato e ao género, entre outros critérios a considerar na pesquisa. A seleção adequada à idade, sabendo distinguir entre as leituras literárias e as instrumentais, relacionadas com o desenvolvimento pré-escolar das competências de leitura e escrita. Capacidade para desenvolver o texto para além do literal, através de animações vocacionadas para a representação dramática oral e, eventualmente, corporal. As técnicas de leitura em voz alta. Disposição do espaço onde colocar e ordenar os livros tendo em vista a articulação da leitura para outras finalidades, como, por exemplo, a lúdica, disponibilizando uma localização próxima ou dando uma ordem narrativa, estética ou visual ao espaço. Inserir a leitura nos tempos familiares.

A intervenção da família percorre a vida do pré-leitor e do leitor escolar com as tarefas às costas. As personagens já saíram dos livros há algum tempo e habitam a cena permanentemente, à noite mais do que de dia. A partir da escolaridade, e com um olhar familiar nas obrigações, o vínculo família-leitor-livro torna-se frequente, quiçá rotineiro. A presença dos adultos tende gradualmente para o tédio, as histórias podem ser lidas solitariamente, sendo que a função mediadora familiar consiste em garantir os livros escolares e procurar selecionar livros mais adequados à idade, no caso de a leitura enquanto ócio ser uma preocupação familiar. Ou então porque o leitor assim o exige. Investigadores, recomendadores, utilizadores de bibliotecas, compradores. A lógica da mediação situa-se no plano de acompanhamento da escola que, pouco a pouco, assume o protagonismo. |

A mediação bibliotecária

A escola, a sala de aula e a biblioteca escolar são espaços de convivência quotidiana durante longos anos de vida, da infância à entrada na juventude, que têm um mandato obrigatório relacionado com o aprender a aprender que assenta fundamentalmente na palavra escrita, inclusive com uma predominância desproporcionada face a qualquer outra linguagem da vida. O significado das palavras, a leitura compreensiva e o desenvolvimento de competências no encontro da leitura e da escrita entram na área de influência dos professores e dos bibliotecários, em alguns casos em colaboração com a família.



TAGS: MEDIAÇÃO LEITORA; BIBLIOTECA ESCOLAR; BIBLIOTECA PÚBLICA;
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA; ESPAÇOS DE LEITURA

A

A biblioteca – sobretudo a comunitária e a pública e não tanto a escolar – é um espaço que trabalha a força de vontade do leitor, ao contrário dos outros dois espaços (escola e sala de aula). A relação não está forçosamente ligada à leitura por prazer ou à leitura instrumental. A responsabilidade desta mediação é dos bibliotecários ou professores-

bibliotecários, de acordo com as regras da comunidade de leitores, uma vez que os livros e recursos estão disponíveis para todos os utilizadores. De facto, o leitor adquire um estatuto complementar, o de utilizador, visitante, sócio, que o identifica no seu vínculo à biblioteca e aos bibliotecários, enquanto prestadores de um serviço. As bibliotecas, em geral, e as escolares, em particular, têm um caráter mediador com verdadeira vocação para facilitar e transformar.

**As bibliotecas,
em geral, e as
escolares, em
particular, têm
um caráter
mediador com
verdadeira
vocação para
facilitar e
transformar.**

Nesses espaços formais, a função predominante ou preeminente é a mediação cultural com um destaque relativo para a leitura. A escola e a biblioteca foram desenhadas especificamente para uma mediação de acompanhamento da mediação cultural da família, naturalmente limitada, para ampliar a leitura de mundos necessária para uma compreensão mais acabada do outro, condição de desenvolvimento pessoal em convivência e de integração económica e cultural. Essas funções nunca tiveram uma ancoragem material exclusiva, menos na era das novas mediatizações.

Cada lógica de mediação da leitura tem um sentido, um tempo de atuação privilegiado e um nível de aparente concretização de acordo com o ciclo de vida do leitor. Ainda assim, todas partilham aspetos comuns e que marcam a diferença relativamente a outros agentes de mediação cultural. As bibliotecas desempenham um papel simbólico, político, social

As bibliotecas desempenham um papel simbólico, político, social e espacial que as distingue. A biblioteca localiza-se, vê-se ou, no pior dos casos, entrevê-se. Identificamo-la porque se identifica. É mais do que um sítio, um marco, um lugar de trânsito.

e espacial que as distingue. A biblioteca localiza-se, vê-se ou, no pior dos casos, entrevê-se. Identificamo-la porque se identifica. Colocamo-la num mapa, a partir da sua localização situam-se lugares, domicílios e atividades: "ao lado de", "depois de", "antes de", "atrás de". É espaço e um lugar no espaço. Onde sempre esteve. Difícil de deslocar. É mais do que um sítio, um marco, um lugar de trânsito. É algo que se visita, se revisita. Festeja-se a sua existência. Percorre-se. Com pruridos, aprecia-se. Para alguns, é aspiracional, apenas reservado para a próxima geração. Recordação para outros. A preservar para quase todos. Contentes por ser emblema da vila ou cidade. Referência de prestígio comunitário. Símbolo do ilustrado, imagem de Cultura. A cultura como política, a política da cultura. Opera em muitos imaginários ao mesmo nível do que o museu. Uma pequena grande amostra de um universo inabarcável.. Uma janela cultural. Há escolas com biblioteca, outras à sua procura.. O prestígio institucional está em jogo. Os incunábulo e as teses *summa con laude* dão brilho académico. A biblioteca concede estatuto às instituições, às localidades e às sociedades.

Neste contexto, a biblioteca tem um papel relevante como espaço de mediação da leitura. Mais aberta e plural do que as maiorias supõem. Mais permeável, ociosa, divertida, navegável e discutida. Mais em contacto, mais facilitadora. É conteúdo e continente. É mediação e ação. Sempre prestadora. A mediação bibliotecária tem um peso relativo muito significativo. Entre as lógicas da mediação leitora, a mediação bibliotecária ocupa o lugar do estável, da permanência. É isso que a distingue. É assento, local ou sítio onde acontece sempre algo em relação à leitura. Por isso, tem um papel central nos espaços da mediação da leitura. Contrariamente a outros elementos do ecossistema cultural, este tem o livro e a leitura como protagonistas.

A leitura sem mediação é praticada em muitos locais. Com distintos níveis de mediação, dos menos elaborados, planificados e profissionalizados, aos mais sofisticados, é possível promover-se numa infinidade de lugares.

São as estratégias que moldam os espaços, reconfigurando-os com o objetivo da mediação, quer se trate de espaços convencionais quer não.

A leitura sem mediação é praticada em muitos locais. Com distintos níveis de mediação, dos menos elaborados, planejados e profissionalizados, aos mais sofisticados, é possível promover-se numa infinidade de lugares. Lugares de confinamento forçado, hospitais, espaços de reinserção e serviços penitenciários, clubes sociais, desportivos e de bairro, sociedades de fomento e mutualistas, laboratórios cidadãos, centros de documentação, lares de terceira idade. Além disso, são inúmeros os espaços culturais e manifestações e eventos culturais em que a mediação da leitura pode realizar-se de forma adequada.

A virtualidade como uma realidade partilhada remotamente, uma desespacialização sincronizada nas práticas sociais, é um estímulo para a leitura. De facto, as plataformas sociais são um espaço onde os leitores põem quotidianamente em jogo o resultado das suas múltiplas aprendizagens. A mediação da leitura e as redes sociais têm pelo menos duas interseções. A primeira, associada à mediação da leitura nas redes sociais. A segunda, relacionada com as redes como suporte de comunicação para a mediação, como plataforma de interação entre sujeitos, entre mediadores e sujeitos leitores. As plataformas sociais tornam-se fator determinante para algumas funções da mediação.

São as estratégias que moldam os espaços, reconfigurando-os com o objetivo da mediação, quer se trate de espaços convencionais quer não. Deste modo, sem substituir animação por mediação, sendo a última mais abrangente do que a primeira, uma estratégia pode agregar as funções de animação com lugares não convencionais e auxiliares da mediação. Por exemplo, um bar estudantil podia transformar-se temporariamente em temático-autoral ou narrativo, com animação por parte de livreiros, animadores sociais e artistas.



DESAFIOS ESTRATÉGIAS E NOVAS COMPETÊNCIAS

Ao longo do ciclo da vida, o indivíduo circula em diversas comunidades alfabetizadoras e inúmeras instâncias mediadoras de cultura, a família, o sistema educativo, os pares, a universidade, comunidades permanentes ou intermitentes, em que é possível identificar os distintos agentes de mediação, instituições e pessoas, e os diversos instrumentos, mapas provisórios para navegar uma cultura *glocal*, uma estrutura de teleféricos que permite transitar de elevador do hiperlocalismo à cultura global.

TAGS: COMPETÊNCIAS DE MEDIAÇÃO; ANÁLISE CULTURAL; CIÊNCIA DE DADOS; GESTÃO DE PÚBLICOS; TRANSMEDIALIDADE; PARADIGMA DIGITAL; BIBLIOTECAS



Foto por Chuttersnap da Unsplash

Competências mediadoras e funções genéricas da mediação da leitura

Ao longo do ciclo da vida, o indivíduo circula em diversas comunidades alfabetizadoras e inúmeras instâncias mediadoras da cultura, a família, o sistema educativo, os pares, a universidade, comunidades permanentes ou intermitentes, onde é possível identificar os distintos agentes de mediação, instituições e pessoas, e os diversos instrumentos, mapas provisórios para navegar uma cultura *glocal*, uma estrutura de teleféricos que permite transitar de elevador do hiperlocalismo à cultura global. Nesse contexto, devem registrar-se as semelhanças e as diferenças entre as funções da mediação nessas comunidades e as competências associadas que são requeridas.

As competências dos mediadores respondem às especificidades de cada um dos seus estatutos sociais, ao mesmo tempo que se exercem dentro de uma ordem institucional ou mandatária, um ordenamento espacial e temporário, um processo de vinculação, que pode ser formal ou informal, voluntária ou obrigatória. As lógicas da mediação não podem ser as mesmas se a intervenção tem como sujeito destinatário um aluno, um utilizador de uma biblioteca escolar ou universitária, ou um leitor informal, esporádico ou intermitente de uma biblioteca comunitária. Conjuguar espaços, estatutos e finalidades é uma grande responsabilidade. Nessa sofisticada interseção as suas competências são postas em jogo.

De uma forma genérica, as *principais funções do mediador de leitura* são: fomentar hábitos de leitura estáveis, ajudar a ler sem que a prática esteja condicionada pela obrigação ou pela avaliação, orientar a leitura extraescolar ou paraescolar, selecionar ou ordenar as

As competências dos mediadores respondem às especificidades de cada um dos seus estatutos sociais, ao mesmo tempo que se exercem dentro de uma ordem institucional ou mandatária, um ordenamento espacial e temporário, um processo de vinculação, que pode ser formal ou informal, voluntária ou obrigatória.



leituras de forma segmentada por idade e grau de dificuldade, identificar perfis culturais, interesses e gostos dos destinatários, delinear, implementar e avaliar atividades de dinamização e animação participada, coordenar estratégias e atividades de promoção em conjunto com outros agentes culturais.

Para as definir de modo mais detalhado partimos da missão e de cinco pressupostos gerais. A missão indica que, sendo o direito à leitura um direito universal e irreversível, um direito cultural inalienável ao qual todo o cidadão, sem restrições de tempo e espaço, deve poder aceder em liberdade, as funções do mediador enquanto agente da leitura e da cultura consistem em colaborar para que essas condições se criem, facilitando e promovendo o acesso e a disponibilidade ao longo da vida. Por outro lado, os princípios gerais que determinam as funções da mediação são:

- O mediador da leitura é um agente que dentro do campo cultural exerce uma mediação particular, a da leitura. Pode ser um mediador da leitura literária, mas não exclusivamente ou de forma restritiva. Em todo o caso, não é um mediador do livro, mas sim da leitura.
- As responsabilidades são constantes e sustentam-se em lógicas pré-determinadas, ainda que as suas formas de atuar no terreno, no espaço e no tempo, devam ocorrer em função dos destinatários, negociando a posição mediadora entre a oferta acessível e a procura latente ou explícita num dado contexto social.
- Os livros coabitam num ecossistema cultural complexo cuja verdadeira riqueza provém de uma rede de agentes. O livro habita em muitos lugares, não apenas em bibliotecas; também o pode fazer, pelo menos temporariamente, em salas de aula, centros de recursos para as aprendizagens, centros e laboratórios de cidadania, ludotecas, centros comunitários ou participativos.

Sendo o direito à leitura um direito universal e irreversível, as funções do mediador enquanto agente da leitura e da cultura consistem em colaborar para que essas condições se criem, facilitando e promovendo o acesso e a disponibilidade ao longo da vida.

- Apesar de existirem espaços onde gozam de um extremo privilégio e onde a sua predominância é notável, os textos nos diferentes suportes costumam integrar-se num catálogo diverso que inclui conteúdos de outras indústrias culturais, o que implica a coabitação dos textos com outras linguagens, musical e sonora, audiovisual e multimidiática. Assim, as bibliotecas podem expandir as suas competências e incorporar outras categorias de conteúdos culturais, ao mesmo tempo que as suas denominações variam para dar conta destas novas abrangências.
- A leitura é uma prática social em transição. Se é verdade que, devido à portabilidade dos suportes emblemáticos como o livro e a revista, estes puderam estar sempre ao nosso alcance em qualquer momento e em qualquer lugar, a ubiquidade dos bens e serviços culturais em geral e a circulação dos textos através dos novos suportes fazem com que a prática se torne potencialmente ubíqua. O livro já não se restringe a um único suporte, o impresso. Os seus formatos adaptam-se e circulam de forma flexível, e muitas vezes sob as regras de uma nova sociabilidade que atravessa a prática leitora.

O valor da analítica cultural na mediação

Entre os múltiplos desafios que a mediação da leitura enfrenta, alguns são comuns a outros espaços de mediação cultural, embora outros sejam específicos. Pode estabelecer-se um vínculo entre cada um dos desafios gerais e cada um dos específicos. Por exemplo, quando se trata de analisar as transformações que as novas gerações introduzem nas formas de interagir com o ecossistema cultural mediático, *a priori*, as incidências são da mesma ordem de grandeza do que noutros vetores da mediação cultural. Porém, não há dúvidas de que a relação com a linguagem textual dos jovens implica mais esforço na mediação da leitura e em repensar os espaços da sua mediação do que noutros vetores do ecossistema. A reconfiguração do vínculo com essas populações não se deve apenas à tecnologia, mas também às características do texto que, no quadro de uma diversidade de finalidades, concorre com outras linguagens mais ubíquas. As mudanças verificadas nos novos suportes tendem a conduzir à polivalência e à multimediatisação e continuam a não ser suficientemente registadas pelas mediações, sobretudo quando estamos imersos num processo de crescente transmediatização cultural ou, de forma mais precisa, de construção de uma cultura transmédia que causa impacto na criatividade, nas formas de acesso e, significativamente, nas formas de participação, particularmente influenciada pelas formas de expressão das novas gerações.

As formas de interagir com os bens e serviços culturais modificam sensivelmente o conceito de ponto de con-tacto. Os indivíduos medeiam por si mesmos formas de interação e de participação menos repetitivas ou sequenciais, desestruturadas e improvisadas. Mais promiscuidade nas formas de entrar em con-tacto com o



Foto por Pavan Trikutam da Unsplash

ecossistema, mais diversidade e hibridização de gêneros e formatos nas próprias listas de consumo, mais estilos de participação e atividades em comunidades subcontroladas ou periféricas. Fala-se muito de alguns textos, mas isto acontece proporcionalmente menos em âmbitos mediados e crescentemente em espaços de intercâmbio sem moderação. O registro de contacto é de outra natureza. Na gestão de públicos, a verdadeira dimensão destas mudanças não requer só renovar as perguntas que definem as ações e estratégias para a vinculação. Também é indispensável aprofundar a investigação, incluir outras formas de estudar os públicos. A este propósito, nas recentes reflexões sobre a evolução do ecossistema e dos próprios

As mudanças verificadas nos novos suportes tendem a conduzir à polivalência e à multimediatização e continuam a não ser suficientemente registadas pelas mediações, sobretudo quando estamos imersos num processo de crescente transmediatização cultural.

desafios da mediação da leitura, existem muitas portas de entrada. Apesar de não ser de nenhuma forma a única, é possível pensar-se que a *analítica social* se pode transformar na principal plataforma para dinamizar o conhecimento sobre os públicos e as experiências a partir do qual se renovam as vias da mediação e se gerem os esforços.

A *analítica social* oferece uma forma de entender as condições da mediação. As formas metamediadas através das quais os leitores-utilizadores acedem aos conteúdos revelam duas novas situações. Por um lado, os instrumentos da mediação que antes existiam em formas precárias, de aplicação intuitiva e quase artesanal, demonstram um potencial de desenvolvimento que enfatiza algumas competências

anteriormente subvalorizadas enquanto requisito para gerir públicos e atribuir mais valor aos processos de curadoria. Os estudos estatísticos davam a conhecer as formas de consumo cultural e de leitura com base num registo de acessos e visitas e formulários de autopreenchimento, como os inquéritos de leitura e escrita. Porém, a análise do comportamento leitor requer hoje bases diferentes para dar conta das novas complexidades. Uma parte relevante desta metamediação é analítica e provém da aplicação da ciência de dados. Em termos concretos, a utilização cada vez mais intensiva de um algoritmo com capacidade para revelar múltiplos vínculos entre variáveis de um ecossistema que, mais do que nunca, é uno, sem diferenças entre o material e o virtual, mais misturado, complexo e global. Por outro lado, os leitores utilizam ferramentas frequentemente tão sofisticadas como as que podem apoiar a tarefa da mediação, o que na maior parte das vezes acontece de forma encoberta ou dissimulada por via de interfaces do utilizador que, através de mensagens reiteradas, recomendam excessivamente como continuar ou

A analítica social oferece uma forma de entender as condições da mediação. As formas metamediadas através das quais os leitores-utilizadores acedem aos conteúdos revelam duas novas situações.



Foto por Aurelien Romain da Unsplash

como vincular o que já foi lido, apostando sistematicamente no que é mais lido. Grande parte destas formas que a metamediação adota tem uma vocação de substituição, embora não funcione de forma clara nem a sua derradeira finalidade seja explícita.

Seja como for, a analítica cultural, mais especificamente a analítica do comportamento leitor, é um dos principais desafios no que respeita às competências a desenvolver. A analítica cultural aplicada ao campo da mediação da leitura proporciona uma verdadeira oportunidade para entender com mais detalhe os públicos assíduos, mas também os esporádicos e os potenciais. Baseada na ideia de que as tecnologias tradicionais de armazenamento, distribuição e consumos culturais foram substituídas crescentemente pelas tecnologias leves (*software*), a analítica torna-se na forma mais adaptada a uma época em que as interfaces leves se converteram na via mais eficaz para investigar qualquer universo simbólico, inclusive a nossa própria memória, individual e partilhada.

Uma linguagem que tende a universalizar-se e uma forma de expressão intuitiva e impulsiva que traduz, converte e transcodifica, os *softwares*

exercem uma liderança notável. Facilitam a comunicação e diversificam os modos de partilhar as experiências com a possibilidade de as utilizações e práticas sociais poderem ser, por sua vez, distribuídas e partilhadas sem limitações. Interfaces ubíquas que promovem, pela capilaridade da conectividade à Internet, infinitas formas de cocriatividade e inúmeras formas de circulação de textos e outros conteúdos. O *software* continua a ser o principal motor da disrupção mais expectável em termos digitais. Há mais de três décadas que sabíamos o potencial que o *software* tinha sobre o *hardware*, mas o momento atual demonstra que as expectativas estão a ser superadas por via de uma confluência histórica entre as disposições abertas destas tecnologias e as de um público suscetível de participar a

A analítica cultural aplicada ao campo da mediação da leitura proporciona uma verdadeira oportunidade para entender com mais detalhe os públicos assíduos, mas também os esporádicos e os potenciais.

qualquer momento, em qualquer local onde esteja, e com qualquer interface. O *software* já não é o suporte dos modos de produção contemporâneos. São os modos de produção em si mesmos a sua principal característica, a sua musculatura, a sua vitalidade. Isto renovou as formas criativas e a circulação de conteúdos culturais, alterou as estéticas e facilitou vias inovadoras para entrelaçar conteúdos, expressões e autorias. Mais do que nunca, qualquer produto cultural é suscetível de infinitos processos de circulação, de atualização ou de remistura.

A analítica cultural implica a utilização de técnicas informáticas e métodos de visualização para analisar conjuntos e fluxos de dados sobre comportamentos culturais. Apela à aplicação de métodos matemáticos, processos computacionais e técnicas de visualização de dados para identificar, analisar e categorizar objetos, atividades e comportamentos. A analítica da leitura representa uma aplicação na qual, através de certos instrumentos e conhecimentos computacionais, se obtém valor de decisão partindo de uma ampla base de informação de grande escala e complexidade, em especial sobre comportamentos. Enquanto a analítica cultural diz respeito a dados culturais de largo espectro, a análise do comportamento

leitor, embora possa pôr em diálogo variáveis de consumo cultural, em geral, como ver filmes ou visitar museus, funciona na interseção da ciência de dados, da mediologia e dos estudos sobre cultura digital, por forma a compreender os comportamentos leitores e os comportamentos dos distintos atores sociais nos espaços de mediação. Este último aspeto é essencial para definir o carácter dos espaços de mediação, o tom e a textura das vozes, a intensidade comunicacional e a forma de regulação das interações.

O software já não é o suporte dos modos de produção contemporâneas. São os modos de produção em si mesmos a sua principal característica, a sua musculatura, a sua vitalidade. Isto transformou as formas criativas e a circulação de conteúdos culturais.

Adotar a analítica cultural como método implica reorganizar as competências de mediação partindo da premissa de que compreender os públicos e a sua evolução é um grande desafio para a função. Gerir os públicos com os dados passíveis de serem gerados atualmente é impossível de fazer recorrendo aos métodos tradicionais. A escala e a complexidade dos consumos culturais registáveis e em plena expansão tornam tal tarefa impossível. Para identificar e categorizar padrões comportamentais, segmentar microgéneros (interseção de vários géneros) e detetar perfis de leitores consoante comunidades de gostos complexos é necessário, por um lado, compilar dados dinâmicos da oferta de conteúdos, aberta, hiperligada e participada em formato de grandes redes e, por outro, o registo de dados de interação, navegação física e virtual. Isto implica recorrer a dispositivos e dados de distinta natureza, a experiências (deslocações, movimentos e trajetos), a registos partilhados pelos utilizadores do ecossistema (os utilizadores produzem), além da decisão de evitar a armadilha do mais lido, visto ou ouvido, ou do que podia surgir à primeira vista como tendência.

Estas ferramentas podem integrar-se no catálogo instrumental através do qual a mediação pode configurar e regular os esforços vinculares para os tornar mais eficazes. Num quadro de referência transparente de acesso aos dados, qualquer ação suscetível de rastreabilidade e qualquer elemento informativo sobre perfis é uma fonte de cooperação. A relevância que a analítica tem para a mediação está relacionada com a natural ambição dos espaços de mediação de alargar os seus públicos e os fidelizar, aumentar a intensidade do vínculo e a frequência de contacto. Desta forma, as competências tradicionais em que assentam as atividades da mediação da leitura veem-se postas em causa neste novo contexto de grande exigência. As práticas de mediação implicam o registo de tudo de onde se possa retirar valor para o conhecimento



Foto por David Cohen da Unsplash

dos públicos. Perante estas possibilidades, o que daqui resulta é a urgência de articular as competências tradicionais em gestão de públicos e comunicação com capacidades de analítica cultural aplicada.

Confrontar estereótipos, desagregar e reconectar segmentos, evitar as categorias estabelecidas e fugir às amostras simplificadoras, dinamizar e personalizar a oferta, são ambições que distanciam o paradigma da analítica da proposta da sociologia da leitura baseada em amostras, em especial quando trata categorias dadas. Evidentemente, a prudência aconselha a assumir as limitações que implica pensar a cultura como um conjunto de combinações de ações que podem ser registadas e monitorizadas. Ainda assim, e triangulando com estudos qualitativos essenciais para a compreensão em profundidade, a ciência de dados está incluída, em termos de técnicas e métodos de questionamento, nas competências tradicionais da mediação, atribuindo-lhe um caráter atual e uma perspetiva. No paradigma digital na sua atual versão, é possível ultrapassar a fase não cumprida da etnografia digital sobre o comportamento leitor e sobre as interações dos leitores com os espaços de mediação. Porém, isto requer a atualização das competências.

A incidência das práticas transmídia nas competências de mediação

As competências de mediação são postas em jogo especialmente no desenho segmentado das ações, na planificação consistente de recursos e na definição da forma como as atividades serão avaliadas. Os novos instrumentos disponíveis podem apoiar estas tarefas utilizando como base as competências específicas que são tradicionais na mediação da leitura. As novas tecnologizações que atravessam este domínio não substituem a intuição, muito menos a transposição ou a didatização. Contudo, podem contribuir para determinar com maior precisão os critérios a aplicar na personalização dos catálogos, para viabilizar o acesso aos textos, para contextualizar leituras e estimular a participação. Podem, também, facilitar o registo dos resultados das ações e melhorar iterativamente o conhecimento sobre os públicos e a comunicação com os mesmos.

Acentua-se a convicção de que é possível enriquecer algumas atividades de mediação da leitura e, simultaneamente, otimizar os seus recursos e melhorar os resultados com uma maior integração digital. Por exemplo, a Inteligência Artificial pode, ao colaborar na determinação da clareza da linguagem escrita, ser útil na classificação dos textos e em cruzar e ligar leituras de nível similar. Com recurso a

As novas tecnologizações que atravessam este domínio não substituem a intuição, muito menos a transposição ou a didatização.

este tipo de complementos, e de acordo com critérios ajustáveis, é possível distinguir os textos e apoiar atividades de produção, pondo em evidência indicadores de interpretação e comunicação que podem aperfeiçoar-se e personalizar-se iterativamente consoante os perfis. Se o objetivo for alargar os públicos e acompanhar o fluxo dos leitores de um nível a outro, a mediação da leitura encontra-se em condições de alcançar uma melhoria potencial.

Determinar a presença/ausência de conetores discursivos, contabilizar a extensão em número de palavras por parágrafo ou detetar a parca utilização de termos de uso comum ou o emprego abusivo de tecnicismos ou neologismos são tarefas que se podem realizar sem recurso a meios tecnológicos. No entanto, de acordo com a escala dos textos e a quantidade de destinatários e segmentos, com métricas linguísticas especificamente desenhadas e trabalhadas de forma automática através de um modelo de *Machine Learning* adequado, a tarefa pode ser facilitada e apoiar uma mediação mais personalizada. Os modelos baseados no Processamento de Linguagem Natural (PLN) podem treinar-se por forma a responder mais corretamente aos objetivos da mediação para uma população específica. As competências mediadoras consistem em parametrizar o modelo e explorar os resultados, além de treinar continuamente a máquina. Este tipo de instrumentos pode colaborar na função mediadora, mas também na formação dos leitores: por exemplo, distinguir textos luminosos de textos obscuros, inferir as texturas das vozes e catalogar as leituras com critérios objetivos.

A inserção de imagens nos textos é algo em que a mediação pode fazer verdadeiramente a diferença. Não apenas em textos científicos ou técnicos, mas também em textos artísticos e ilustrados. As leituras incluem muitas vezes componentes gráficas, ícones, esquemas, imagens e ilustrações, o que condiciona o desempenho do leitor. As imagens podem melhorar a inteligibilidade totalizadora do conteúdo

A Inteligência Artificial pode, ao colaborar na determinação da clareza da linguagem escrita, ser útil na classificação dos textos e em cruzar e ligar leituras de nível similar.

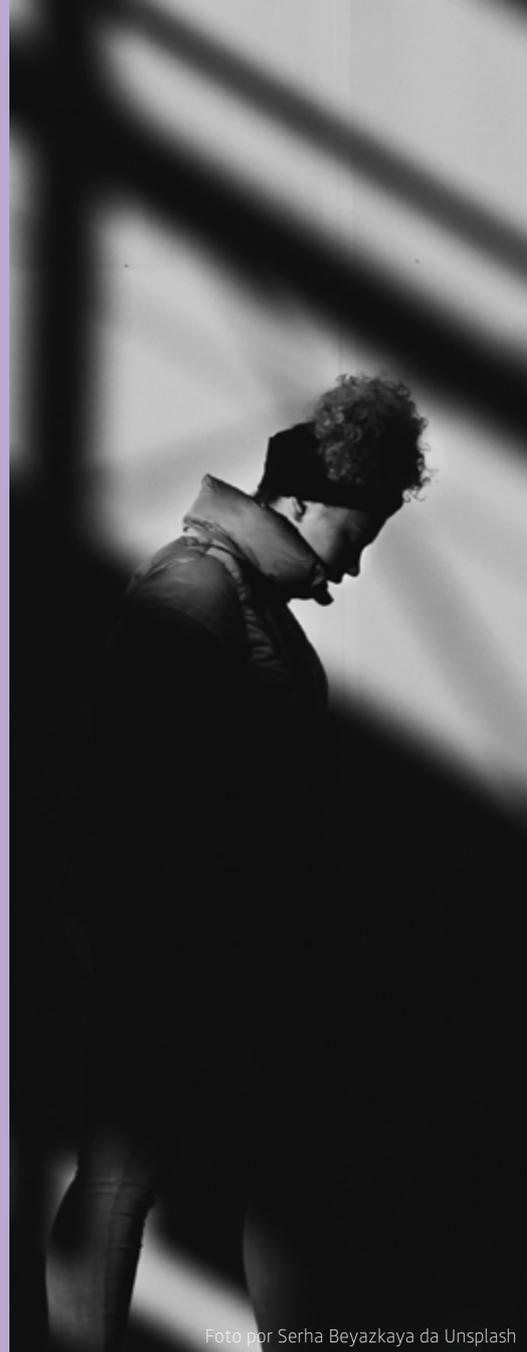


Foto por Serha Beyzkaya da Unsplash



ou, pelo contrário, aumentar as ambiguidades. Em alguns casos, a leitura da representação gráfica é fulcral para a compreensão do texto, por exemplo quando estão em causa matérias de divulgação científica ou livros informativos para crianças. Muito embora possam estar presentes, é possível que a leitura do texto não necessite da intervenção dessas componentes visuais para ser compreensiva. Porém, quando se torna premente, a leitura do elemento visual impõe uma pausa e quebra a linearidade na interpretação textual. O leitor empenha-se em fazer uma complexa interpretação, que ultrapassa a leitura do objeto representado ou do esquema, envolvendo-o num processo de descriptação do elemento gráfico em si mesmo associado à tarefa de revelar a relação que tem com o texto para convergir na produção de sentido, reafirmar ou enfraquecer a interpretação, esclarecer os aspetos duvidosos ou aprofundar o mal-entendido. Nestas situações, a realidade aumentada pode levar a melhores resultados, podendo integrar-se com relativa facilidade nas atividades de mediação. Não é apenas aplicável às imagens dentro de um texto, apesar de ser particularmente eficaz na tarefa acima descrita.

Em termos gerais, a realidade aumentada visa enriquecer a leitura, potenciar os sentidos e alargar ou aprofundar as interpretações possíveis mediante a introdução de recursos complementares, que podem ser textos, áudios e vídeos de natureza e autoria diversas, selecionados e disponíveis para a mediação. É expectável que o acesso a estes objetos se exerça no âmbito da prática de leitura e como parte indissociável desta. De acordo com certo

tipo de indicador codificado, legível por intermédio de um dispositivo móvel, o leitor expande o cenário, que passa a incluir de forma pré-programada um recurso complementar, uma explicação distinta que resolve a aridez do parágrafo ou alarga a interpretação do texto a outras perspetivas. Um código bidimensional inserido entre duas páginas, efêmero ou não, que por expressa intervenção da mediação vem intencionalmente juntar textos, autores ou coleções distintas, sugerir um percurso alternativo ou complementar, uma série de possíveis bifurcações ou janelas através das quais o leitor resolve a continuidade da leitura.

A realidade aumentada pode aplicar-se juntando um código adicional (código bidimensional, código QR) ao documento, numa folha à parte ou num marcador inserido mas separado, ou servindo-se de uma parte

O leitor empenha-se em fazer uma complexa interpretação, que ultrapassa a leitura do objeto representado ou do esquema, envolvendo-o num processo de descriptação do elemento gráfico em si mesmo associado à tarefa de revelar a relação que tem com o texto.

dos conteúdos do mesmo documento, uma série de palavras, um parágrafo inteiro ou uma imagem ou ilustração que, capturada visualmente através de uma aplicação digital, conduz o leitor pelo conteúdo complementar. Rastos lábeis, histórias deixadas a meio, charadas em vez de instruções. Antecedentes ou prequelas, biografias das personagens, histórias paralelas. Indícios em papel, em código, em formas lúdicas. Um código para descodificar, uma figura escondida entre parágrafos.

Uma chamada que abre a cena de leitura, reinicia o percurso, propõe um olhar lateral. Recursos complementares para potenciar a experiência em função da intensidade da curiosidade e da finalidade de exploração e descoberta no momento da vida do leitor. É também possível que a hiperligação codificada possa prestar um serviço adicional à leitura, inclusivamente de natureza administrativa ou técnica, como, por exemplo, dar a conhecer outras obras do autor, requisitar bibliografia descoberta durante a leitura ou rever a agenda cultural associada. Nessas formas codificadas, o papel da mediação expressa-se com muita intensidade. Pode também tratar-se de uma abertura ao diálogo, à interação. Uma mediação que jaz latente até o leitor a ativar ao clicar, até a tornar interativa de forma remota. A mediação adquire, assim, um papel não presencial, o que não significa necessariamente que seja diferido ou assíncrono. Ativar essas janelas implica pôr em jogo competências tradicionais de gestão de conteúdos e gestão de públicos, associadas a competências mediatizadoras ou tecnológicas. Esta capacidade de sugerir formas de expansão da leitura é um dos principais fatores que podem acrescentar valor à mediação da leitura. Por outro lado, estas atividades do leitor contribuem para que se conheça melhor os seus comportamentos, a partir do perfil gerado em função dos seus interesses e gostos, e sobre os quais é possível retirar, pelo menos, um valor estatístico para a mediação.

Nessas formas codificadas, o papel da mediação expressa-se com muita intensidade. Pode também tratar-se de uma abertura ao diálogo, à interação. Uma mediação que jaz latente até o leitor a ativar ao clicar, até a tornar interativa de forma remota.



Foto por Ryoji Iwata da Unsplash

Ao encontro dos públicos no espírito da época

Os desafios e as problemáticas próprias do atual contexto resultam, acima de tudo, da necessidade de mobilizar e alargar públicos. Muitas vezes, o paradigma digital faz promessas que não consegue cumprir ou que, em grande medida, requerem novas competências para que se consigam concretizar. Em todo o caso, é conveniente relativizar a dimensão revolucionária ou disruptiva que costuma atribuir-se ao digital, mais ainda quando o caráter inovador ofusca a sua ambivalência ou distrai o olhar de outras formas simples de potenciar a mediação. É possível otimizar as estratégias mediadoras sem aumentar a tecnologização dos processos e serviços, mas é provável que, sem ser inelutável, fundamentada e avaliada de forma pertinente, esta contribua significativamente para a qualidade da mediação, sobretudo no que diz respeito à integração e fixação de jovens leitores. O paradigma digital, assim como pode coadjuvar a personalizar ou a microssegmentar as mediações para evitar as fraturas digitais quando a estratégia é elaborada tendo em conta a diversidade de constelações sociodigitais, também pode reforçar as lógicas de desigualdade no acesso à leitura.

Outro aspeto conhecido mas subvalorizado é a possibilidade de o digital poder distorcer a autenticidade da relação da obra com os leitores, não apenas porque desritualiza o encontro, mas também porque potencia uma experiência multissensorial com um sobredimensionamento do sentido visual de forma distinta da leitura de textos lineares, provavelmente com tendência para o audiovisual e em detrimento do contacto, que se torna simplesmente improvisado, apenas tátil e excessivamente estimulante, e do olfativo, completamente neutralizado. A mediação da leitura digital implica um duplo desafio. Por um lado, o desenvolvimento de competências informacionais, sobretudo de gestão de conteúdos e curadoria, vinculadas ao aproveitamento

É conveniente relativizar a dimensão revolucionária ou disruptiva que costuma atribuir-se ao digital, mais ainda quando o caráter inovador ofusca a sua ambivalência ou distrai o olhar de outras formas simples de potenciar a mediação.



A mediação requer um conhecimento do público para antecipar e configurar estratégias adaptadas com vista a orientar os leitores entre arquipélagos culturais e sociais.

das possibilidades de enriquecimento da experiência. Principalmente, o papel da mediação que atravessa a experiência de leitura quando esta se torna decididamente transmédia. Por outro lado, a mediação requer um conhecimento do público para antecipar e configurar estratégias adaptadas com vista a orientar os leitores entre arquipélagos culturais e sociais que, imprevisivelmente, aparecerão por toda a parte sem suporte mediador e sem mapas provisórios construídos com base na curadoria profissional, uma função preeminente da mediação nos tempos que correm.

O encontro com os públicos é, na era de confinamentos intermitentes ou de períodos interpandémicos, um exercício de relacionamento que assenta num trabalho de experimentação, tentativa e erro, hipótese e ajustamentos à hipótese, sem ignorar nenhum recurso, menos ainda aqueles que, pela via digital, sem rivalizarem com a experiência presencial, vêm suavizar os solavancos. Quando as discontinuidades são tantas e tão influentes na relação com os públicos, torna-se essencial entender, em profundidade e com a máxima distância prudencial possível, como o paradigma digital pode facilitar a extração de valor cultural dos vazios. Afinal, o que não pode deixar de existir é a conversação. A ausência do social pode tornar-se insuportável e os seus custos demasiado elevados para o vínculo dos leitores com a leitura, mas também dos autores e da criatividade com a experiência leitora. As estratégias de mediação não escaparão à sua inscrição forçada num futuro vincular intermitente se não se adotarem as disposições de transição para mitigar os efeitos de uma presencialidade descontínua. Como laboratórios sociais, comprometidas em criar pontes entre continuidades para dissipar o mal-estar do vazio, as mediações culturais desempenham um papel relevante ao promover a autonomização dos coletivos leitores relativamente ao espaço físico e, em geral, às materialidades. É expectável que qualquer mediação cultural contextualizada favoreça a mobilização dos seus destinatários para lá dos recursos materiais e tradições mediadoras mais enraizadas.

Não basta disponibilizar as obras aos públicos, as diferentes formas de se relacionarem e de se apropriarem, diversificadas a golpes de digitalização crescente e forçada, requerem uma mediação digital que favoreça a desagregação e a catalogação personalizada dos textos, rotas hierarquizadas que considerem, além de critérios tradicionais de mediação, aspetos vinculados ao perfil digital dos utilizadores-leitores, uma hierarquia de textos condicionada às características das experiências digitais que propõem. Quando o digital é uma quase obrigação, ainda que atravesse de forma distinta os diversos grupos socioetários, requer um esforço mediador que ultrapassa o que a mediação da leitura fazia quando procurava fixar os

A ocasião convida a repensar o papel da mediação cultural, no momento em que o seu futuro e as suas condições de possibilidade presentes se tornaram tão dependentes da intermitência social.

públicos jovens. As redes de textos de pequeno espectro, segmentadas e alvo de curadoria, podem ser úteis para fixar as comunidades leitoras e, possivelmente, reinventar o vínculo com alguns públicos, debilitado pela ausência ou descontinuidade dos serviços disponibilizados *in situ*. Devido à imposição do digital nos períodos obscuros de acentuados vazios sociais e de extrema distância física e social, a latência é inoportuna. Não perder de vista os invisíveis, os que o eram e, em particular, os que resultam destes períodos de esvaziamento do social, implica evitar que se afoquem num presente em que nada escapa ao determinismo digital como condição do presente e do futuro social e cultural, disposições que tendem a esquecer ou a esconder todas as variantes alternativas ou combinadas.

As descontinuidades no serviço presencial constituem uma oportunidade para estabelecer ou ampliar as formas através das quais a mediação da leitura pode estimular o acesso aos textos e a sua circulação, assim como a participação dos leitores. As mediatizações improvisadas, automatizadas, sem segmentação e sem suporte de recursos de aproximação e de introdução não podem ocupar o lugar que inevitavelmente pertence à mediação da leitura. Constatar as limitações das mediatizações banais, técnica e culturalmente falando, deve inspirar todas as formas possíveis de intervenção mediadora. A ocasião convida a repensar o papel da mediação cultural, no momento em que o seu futuro e as suas condições de possibilidade presentes se tornaram tão dependentes da intermitência social. Estruturas mais leves, estruturantes, mas provisórias, atentas e recetivas a uma fratura que, além de se definir pelas suas variáveis específicas relativas à leitura, integra outras segregações possíveis, convidando a repensar as formas de inclusão que não podem escapar à armadilha digital. A baixa conectividade, a falta de equipamento adequado e de competências digitais, bem como a própria idade do utilizador, podem ser fatores que aumentam a vulnerabilidade cultural nestes contextos.

O território recriado a partir de uma mediação digital pode ser extremamente árido para algumas populações de “migrantes tecnológicos”. O paradigma digital nunca foi neutro. Quando é transversal à atividade humana, os seus efeitos ambivalentes e nem sempre adequados, ou expectáveis, acabam por deixar sequelas nas relações, aspeto fundamental na construção de toda a estratégia de mediação. Os limites da experiência devem ser repensados a partir de duas premissas. Por um lado, o perímetro é mais permeável devido aos fatores determinantes do próprio paradigma digital, principalmente pela multimediatização dos ambientes de leitura no

O território recriado a partir de uma mediação digital pode ser extremamente árido para algumas populações de “migrantes tecnológicos”. O paradigma digital nunca foi neutro.

contexto de uma crescente polivalência dos dispositivos de acesso. Isto implica uma ênfase na curadoria para definir ambientes apropriados e apropriáveis. Por outro lado, públicos de geometria variável, resultado de uma construção global, aberta e improvisada, de comunidades de gostos cada vez mais restritas e sofisticadas que convidam utilizadores esporádicos, leitores que tão distraída como abundantemente navegam solitários, em momentos de profunda ansiedade social, acedendo a textos que descubrem com surpresa e ingenuidade e, muitas vezes, sem as competências leitoras adequadas. Além disso, a intensidade da leitura nas plataformas sociais, sem qualquer curadoria, planas e muitas vezes irreverentes, acende em momentos obscuros uma ligação curiosa e culturalmente irritante com o ecossistema.

Num contexto em que as expectativas dos públicos estão em permanente evolução, é natural que o papel e a missão da mediação da leitura possam ser interpelados no que se refere aos métodos e aos modos de aplicação. Porém, a vontade de democratizar a leitura que serve de base à mediação é imutável. Destinada a todos os públicos, as suas ações interativas dão prioridade a destinatários específicos e são fundamentalmente orientadas por uma perspectiva de alargar ou diversificar os públicos em função de recursos próprios. A sua renovação deve-se em primeiro lugar à necessidade de interagir, de prosseguir a conversa, ao interesse por uma aproximação, ao colocar em situação de diálogo para facilitar a participação dos públicos, objetivo central da mediação.

A mediação da leitura não é uma função social fora do tempo. Por exemplo, os audiolivros parecem ter encontrado interstícios nos quais os textos podem fluir com toda a naturalidade. Subrepticamente, com carga cognitiva distinta da que teria o texto impresso, o áudio recodifica o texto. Existe uma leitura auditiva. O texto expresso oralmente. Emerge musicalizado com o ritmo e a textura vocal de um terceiro. Converte-se no texto sonoro que acompanha o passeio. Segue a cadência de passos citadinos. Lemo-lo/ouvimo-lo em diversos contextos. Os audiolivros, uma forma editorial que passou por diferentes momentos da História à espera de públicos que tardaram em chegar, parecem hoje afirmar-se, indiferentes aos preconceitos e às condições ambientais, em muitos momentos do quotidiano. Os tempos serão menos adversos para a leitura quanto mais a mediação se inserir na sua época.

Num contexto em que as expectativas dos públicos estão em permanente evolução, é natural que o papel e a missão da mediação da leitura possam ser interpelados no que se refere aos métodos e aos modos de aplicação.



Os modelos de comunicação e as competências associadas

Sendo a mediação atravessada pelo paradigma digital, surge a necessidade e a oportunidade de encontrar as melhores vias de comunicação com os públicos e de recriar os tipos tradicionais de relação, ajustando-os às expectativas de participação próprias do espírito da época. A futuridade da mediação é uma construção complexa, provavelmente mais dependente da virtualidade do “terceiro lugar”, esse espaço-tempo de contacto conversacional, construído com ferramentas e recursos avançados. Desenhar espaços virtuais de interseção e diálogo agora, nesta fase 2.0 do digital, quando o expectável é o social, partilhado, plano e conversacional, aberto e pouco ou nada controlado, não é o mesmo que numa fase anterior do paradigma digital, quando as expectativas eram limitadas e a verticalidade e a editorialização eram as características dominantes na relação. A convivialidade do momento reúne outras condições. A relação dos públicos com as coleções não se constrói a partir de definições verticais ou hierárquicas. O terceiro lugar é um espaço transformativo onde convergem expectativas de diálogo e de fruição, de leitura e expressão. A virtualização, amplificada pela interrupção parcial da continuidade material e presencial, não faz mais do que intensificar os debates sobre as competências dos mediadores para reconfigurar os vínculos, uma aproximação notavelmente mais comunicacional e menos patrimonialista.

A futuridade da mediação é uma construção complexa, provavelmente mais dependente da virtualidade do “terceiro lugar”, esse espaço-tempo de contacto conversacional, construído com ferramentas e recursos avançados.



O redesenho das experiências de mediação e a encenação digital dos projetos e da agenda de mediação podem condicionar as competências tradicionais.

O redesenho das experiências de mediação e a encenação digital dos projetos e da agenda de mediação podem condicionar as competências tradicionais. As experiências, com tendência para mediações sensorialmente enriquecidas, multissuporte e multilinguagens, exigem competências comunicacionais que correspondam à ideia de que a mediação pode e deve aumentar o espectro dos conteúdos e instrumentos que põe em jogo. Além disso, é muito mais difícil que a virtualidade das cenas e projetos seja efetiva se a produção não for participativa. Para o desenho das ações, a mediação deve selecionar as estratégias de participação dos públicos, além dos formatos e gêneros a utilizar. A mediação

consiste também, principalmente sob o paradigma digital, em convidar o leitor a “viver a leitura e a partilhar o que lê”. Os livros de um espaço de mediação formam uma unidade cultural, uma unidade de tempo e espaço, uma unidade de ação que, do ponto de vista da experiência dos destinatários, não é nem uma nem homogênea. Embora, em princípio, o espaço adquira caráter próprio pela forma de organização e pelo modo como se constroem, dinamizam e são acessíveis as coleções, o seu principal traço identitário provém do modelo de interação com os públicos, as suas interfaces e formas comunicacionais. A comunicação impõe-se como vetor de qualquer propósito cultural e como principal vetor de acesso aos públicos, ao contrário do que normalmente se pensa quando nem as competências desenvolvidas, nem as estratégias propostas se centram na procura e gestão de públicos. A musculatura social desenvolvida com ênfase na e pela comunicação configura, por fim, o coletivo leitor. É o que transforma o espaço numa unidade de comunicação e experimentação social, radial e tangencial, vertical e horizontal. A construção desta unidade simbólica, conteúdos e interações, permite que a mediação adquira a consistência que os momentos e as circunstâncias não têm. A mediação é profundamente caracterizada pelo âmbito em que se exerce. A estética em diálogo com a função. A forma de estabelecer e desenvolver as estratégias vinculares para cada público dão-lhe densidade e consistência. Nesta etapa, as materialidades e as regulações espaço-temporais decrescem aceleradamente em influência nas práticas e nos intercâmbios. As formas de integração dessa unidade e a participação dos leitores nessa construção acabam por ser relevantes.

A musculatura social desenvolvida com ênfase na e pela comunicação configura, por fim, o coletivo leitor. É o que transforma o espaço numa unidade de comunicação e experimentação social, radial e tangencial, vertical e horizontal.

Os âmbitos da mediação podem ser transmídia como unidade de fruição ou de estudo, de visita ou de produção, de consumo e de participação. A emergência de uma arquitetura transmídia do dispositivo técnico-espacial da mediação implica uma forma estética não apenas metanarrativa de navegar a proposta de leitura e de se inter-relacionar com as

A emergência de uma arquitetura transmídia do dispositivo técnico-espacial da mediação implica uma forma estética não apenas metanarrativa de navegar a proposta de leitura e de se inter-relacionar com as coleções.

coleções. Pôr em diálogo categorias bibliotecárias, literárias e vivenciais, entretecer de forma surpreendente e lúdica, audaz, aberta e plural as diferentes componentes do dispositivo espacial, material e virtual, bem como as experiências de lateralização ou conversação, são alguns dos principais desafios a resolver. Para além de uma perspectiva particular sobre o espaço de interação, provisória ou permanente, como pode ser uma perspectiva autoral, literária, artística, musical ou de gênero, as cenas para que convida representam o principal fator de integridade do espaço da mediação e, conseqüentemente, de caracterização do vínculo proposto.

Quando a mediação se deixa atravessar pela digitalização enquanto experiência partilhada, longe de ser apenas técnico-mediológica, a mediação permite pôr em contacto os espaços e os textos com novos públicos e, principalmente, com os jovens. Uma parte significativa dos consumos culturais dos mais jovens está estreitamente ligada aos dispositivos móveis, enquanto se distancia simbolicamente dos espaços da cultura legitimada, em geral, e dos espaços de mediação homologados, em particular, estes últimos considerados entre as categorias de património cultural da ordem institucional, no lado oposto ao da transgressão ou do *off*.

A transmedialidade é um fenómeno cultural de época, uma competência social desenvolvida a meio caminho entre o intuitivo e o autodidata, o sugerido e o regulado, que leva a uma expectativa para experimentar as relações que ultrapassam o unívoco e vertical. Há muito que a transmediatização é um processo imaginário-leitor, muito mais que o tempo de desenvolvimento no mundo editorial. Para os espaços de mediação torna-se pertinente participar nesses processos a partir de um lugar de protagonista quando se constata que é, cada vez mais, uma forma para desenvolver eficazmente as suas estratégias, em especial no que concerne à sociabilidade dos espaços. Pode ser inspirador para a reconceptualização dos âmbitos e não apenas das práticas de mediação.

Quando se deixa atravessar pela digitalização enquanto experiência partilhada, longe de ser apenas técnico-mediológica, a mediação permite pôr em contacto os espaços e os textos com novos públicos e, principalmente, com os jovens.

A transmediatização é algo mais e, por sua vez, algo distinto de uma hipertextualização. Com o objetivo de apoiar a produção de sentido, pode adquirir níveis distintos.

Qualquer espaço de mediação é uma coconstrução cujo principal suporte são os textos e cuja arquitetura transmídia responde a uma hipótese de percursos possíveis, entrecruzando a analítica de perfis e experiências com um repositório particularmente integrado. Uma mediação com essas características, na sua pluralidade de suportes e linguagens, entrecruza públicos, temporalidades, objetivos e repositórios. Com uma temporalidade de amplo registo, antes-durante-depois da visita ao tempo-espaço de mediação, a participação é um fator crítico. A conversação deve começar antes, dando-se-lhe todas as condições de possibilidade

durante e, sobretudo, prolongar-se no tempo. A mediação mantém-se sempre que se verificar a vontade de apelar a todas as variantes possíveis para dar à conversação todas as condições necessárias, sem que haja necessidade de recorrer às materialidades e aos espaços físicos. O desafio mais óbvio consiste em manter as interações com uma pluralidade de públicos. As arquiteturas transmídia devem responder a critérios de segmentação orientados tanto para leitores frequentes como para leitores casuais ou descontínuos. A pluralização de públicos é um grande desafio.

A transmediatização é algo mais e, por sua vez, algo distinto de uma hipertextualização. Com o objetivo de apoiar a produção de sentido, pode adquirir níveis distintos. O primeiro consiste em entreabrir a leitura, ouvir ou ver um conteúdo que se apresenta ao leitor, ajuda à compreensão do contexto e a iniciar a leitura. Um segundo nível consiste em propor um mapa de leitura, uma forma sintética de apresentar o(s) texto(s) associado(s). Um terceiro nível com entradas, a linear e as múltiplas janelas através das quais se entra num texto, sejam trechos ou capítulos, formas diferentes de indexação, cumulativa, analítica, temática, permutada, de citação, onomástica, entre muitas outras. Ao subverter a ordem expectável, a indexação não tradicional pode ter um efeito surpresa.



O que o entrecruzar da analítica do comportamento com a inteligência artificial tem de mais relevante é permitir inferir motivações e interesses e alcançar uma perceção dinâmica das formas de acesso e circulação dos conteúdos, produto de navegações não-lineares ou atividades de extramediação.

Pode ser sugestivo perante o entrelaçado das personagens, factos e histórias, problemas e perguntas, mas o mais relevante é a estratégia de participação.

A passagem entre níveis é uma proposta que se pode enriquecer notavelmente no modo participativo, e inclusive derivar numa relação muito mais inteligente do repositório como um todo com os seus leitores. Para além da seleção original ou da intenção inicial, pode levar o leitor a novas sugestões partilhadas, a recomendar modificações ou, inclusivamente, com graus de extrema liberdade, a exercer uma cocuradoria nas margens que convida terceiros a novas bifurcações, regras distintas de hiperligar os textos e descobrir as coleções. O leitor-borboleta é uma fonte de informação a considerar, pois, a partir dos vestígios do que ocorreu, permite elaborar estratégias de viagem e mapas interativos para aprofundar ou completar de acordo com os perfis cada vez mais precisos. Em simultâneo, se este registo for acessível ao utilizador-leitor, o seu cartão em forma de aplicação pode servir como bitácula de preferências e formas de interagir com comunidades de gostos durante a viagem, incluindo o diário pessoal das suas leituras, partilhadas ou privadas. Uma aplicação no telemóvel com esta orientação não compete nem distrai, mas complementa.

Estes registos disponibilizam uma história da mediação, dão conta de uma sequência de factos no tempo e no espaço que pressupõem um incremento da inteligência para as futuras atividades da mediação. O que o entrecruzar da analítica do comportamento com a inteligência artificial tem de mais relevante é permitir inferir motivações e interesses e alcançar uma perceção dinâmica das formas de acesso e circulação dos conteúdos, produto de navegações não-lineares ou atividades de extramediação, sobretudo quando se está em presença de um grande volume de participantes e de grandes

catálogos em rede. Trata-se de uma sensibilidade distinta relativamente aos comportamentos, uma descoberta de visitas e práticas que se visualizam sob novas formas através de ferramentas de identificação e categorização de gostos e perfis.

Os conteúdos ficam assim inteligentemente relacionados entre si e de forma rizomática, enquanto as experiências fertilizam as bases do conhecimento sobre leitores e consumos, texturizando as estatísticas, dando pistas sobre o plano cultural oculto dos leitores e tornando emergentes elementos essenciais para a segmentação da mediação. Dado que, graças à afirmação do paradigma digital, o perímetro socioleitor se torna mais difuso, por momentos e em grandes proporções, anónimo e ininteligível, o desenvolvimento de microcomunidades com base na

Dado que, graças à afirmação do paradigma digital, o perímetro socioleitor se torna mais difuso, por momentos e em grandes proporções, anónimo e inteligível, o desenvolvimento de microcomunidades com base na identificação de trajetórias e perfis converte-se numa busca incessante e numa prioridade.

identificação de trajetórias e perfis converte-se numa busca incessante e numa prioridade. A proposta de mediação pode segmentar-se tecnologicamente, quase nanossegmentar-se ou personalizar-se. O desafio consiste em descobrir como potenciar o positivo e moderar o negativo da introdução de mais tecnologias e meios.

Orientado por objetivos claros, cada dispositivo de mediação desenvolve-se de acordo com um modelo comunicacional, essencial para a elaboração das estratégias e a segmentação das atividades. Não sendo nunca culturalmente neutro, o modelo tem como propósito identificar as barreiras socioculturais que o dispositivo envolve e as formas mais sugestivas de interface entre uma administração de serviços de mediação e um utilizador em dificuldade. No interior do ecossistema cultural, coexistem muitos tipos de interface e de modelos de comunicação. No território das mediações de leitura, as bibliotecas são, em geral, um dos pontos de contacto com o ecossistema com menos condições e mais polivalência. É o ponto mais permeável e apropriável. O vínculo que sugere é, em comparação, muito mais adaptativo, económico e livre. É possível entrar sem que ninguém pergunte o que se procura, fazer uma consulta sobre um tema de interesse e receber uma orientação se se pedir. É simultaneamente um espaço onde é possível receber assistência direta por pessoal qualificado, ao contrário de um museu, por exemplo, onde a mediação é diferida e ilusória. Trata-se apenas de o dar a saber, de o tornar claro durante a interação. Deve saber-se que a biblioteca é um espaço aberto e extremamente livre. Um domínio em que a mediação pode recorrer a diferentes formas de interface, metáforas interativas que aumentam o registo de con-tactos e de inter-atividade, com práticas de leitura e silêncios distribuídos, conhecimento e trabalho, jogos e pequenas conversas furtivas, bolha de descanso, acesso a pontos de água potável e instalações sanitárias. As estratégias, indissociáveis do espaço onde têm lugar, devem enfatizar estes traços distintivos.

No interior do ecossistema cultural, coexistem muitos tipos de interface e de modelos de comunicação. No território das mediações de leitura, as bibliotecas são, em geral, um dos pontos de contacto com o ecossistema com menos condições e mais polivalência.

A relação dos públicos e a gestão dos conteúdos estão indissociavelmente relacionadas.

Bibliotecários com as competências mediadoras em jogo

Embora exista uma grande diversidade de bibliotecas com diferentes finalidades, estatuto público, formas de financiamento e tipo de conteúdos, a lógica da mediação remete sempre para dois aspetos essenciais da função bibliotecária: a de gestão de catálogos – que implica uma responsabilidade sobre a oferta de conteúdos – e a de gestão da relação com os públicos, identificação, desenvolvimento, formação e acompanhamento, com base na comunicação como paradigma dessa gestão. É, aliás, na interseção das duas funções que se revela o que há de mais significativo. A gestão de conteúdos não pode ser levada a cabo sem se considerar o lugar que corresponde aos públicos-alvo, suscetíveis de se verem envolvidos na definição do catálogo, sem que isso seja determinante, mas sim vinculativo. Entender as práticas e não apenas os consumos (empréstimos, pesquisas) pode ser útil na elaboração do próximo orçamento, apesar da função mediadora implicar deslocar fronteiras, perturbar e sugerir aos leitores novas perspetivas. A relação dos públicos e a gestão dos conteúdos estão indissociavelmente relacionadas.



Segundo a lógica da mediação, estas funções dizem respeito a competências bibliotecárias genéricas, ainda que com níveis distintos de destaque segundo o perfil da biblioteca, quer se trate de um professor-bibliotecário, um bibliotecário de uma sala comunitária, um bibliotecário universitário ou um bibliotecário municipal. As competências específicas dos bibliotecários contribuem para: (i) a análise dos públicos-alvo e a gestão de projetos (competências de gestão), (ii) a gestão de equipas e a comunicação interpessoal (competências de colaboração e liderança), (iii) a análise do meio cultural para o conhecimento do tecido local e das políticas públicas de cultura (competências culturais), (iv) a definição das metodologias adequadas à procura, seleção e catalogação de conteúdos, bem como ao estabelecimento de contacto com os públicos (competências técnicas e informacionais).

Segundo esta mesma lógica, é expectável que, enquanto mediadores de leitura, os bibliotecários intervenham em diversos planos: (i) gestão de públicos, (ii) gestão de conteúdos e serviços, (iii) comunicação e promoção das ações, (iv) estratégias associativas e de expansão, (v) gestão de recursos, (vi) receção do público.

Além das aptidões profissionais genéricas – como a capacidade para ouvir, analisar e sintetizar, a capacidade de responder de forma didática e metodologicamente consistente, uma sociabilidade que lhe permita estabelecer relações em termos de empatias intuitivas, a capacidade de trabalhar colaborativamente e com criatividade, autonomia e sentido de iniciativa –, o mediador bibliotecário conta com alguns traços característicos gerais que lhe permitem:

- *Coprotagonizar a mudança de estatuto* que pode resultar do diálogo entre os públicos situados nas margens sociais com as funções da biblioteca, do movimento dos menos letrados para o livro e do livro para os mais vulneráveis culturalmente, da invisibilidade para a visita, do esquecimento dos leitores cinzentos, esporádicos ou em negação para a centralidade das ações de dinamização e animação.
- *Elaborar projetos contextualizados* que se adequam às novas fragmentações sociais, produto de fenómenos sociais que são transversais à sociedade independentemente do seu capital cultural, onde se revelam diversas ligações cruzadas entre desocupação e desemprego, arquiteturas familiares e consumos culturais, bairros de lata altamente fragilizados economicamente e produções culturais hiperlocais de alto impacto, empobrecimento de segmentos médios

Nessa intervenção contextualizada, circunstanciada, historiada social e culturalmente, estão envolvidas as formas de dialogar com o contexto, as atividades como expressões de identidade que integram o tecido social e se situam nos imaginários coletivos enquanto parte da sua identidade.

Uma operação de glocalização através da qual a biblioteca, sem abdicar das vantagens de uma catalogação universal, se põe em diálogo com o tecido cultural local.

com expectativas de manter os seus consumos culturais, jovens desenraizados sujeitos a outras formas de precariedade, resultantes da mobilidade e de uma dinâmica laboral com disposições temporais muito diversas. A leitura pode intervir colaborativamente com a solidão pessoal, deixando por decisão própria o isolamento social num lugar cómodo ou fazê-lo de forma disruptiva para que, sem desaparecerem as circunstâncias da vida que o originaram, se recrie um lugar imaginário e entreaberto, um ambiente de não-solidão. O bibliotecário escolar habita uma comunidade de aprendizagens, da mesma forma que o bibliotecário de uma biblioteca pública ou municipal habita um bairro. Nessa intervenção contextualizada, circunstanciada, historiada social e culturalmente, estão envolvidas as formas de dialogar com o contexto, as atividades como expressões de identidade que

integram o tecido social e se situam nos imaginários coletivos enquanto parte da sua identidade. A localização do bibliotecário, e não apenas da biblioteca, como parte vital da sociedade local. No caso do professor-bibliotecário, o seu olhar binocular é bem-vindo na definição de qualquer estratégia de aprendizagem através de projetos a que a comunidade se associa, que integra e com os quais colabora.

- *Implementar ações locais no quadro de políticas públicas*, que devem ser aplicadas no terreno de uma forma inventiva, em particular quando contemplam intervenções em vulnerabilidades culturais, que não são suscetíveis de serem resolvidas com base em ações isoladas, mas necessitam de medidas transversais, convergentes e focalizadas. Estas só se concretizam graças a uma leitura adequada dos programas que são passíveis de se realizar no local ou à disponibilidade do mediador para as coordenar.
- *Delinear, implementar, coordenar e avaliar atividades associativas no campo cultural e social* com agentes, entidades públicas e privadas, integrando auxiliares de mediação, como, por exemplo, assistentes sociais e auxiliares terapêuticos de saúde. Isto permite que a mediação bibliotecária encontre outras formas de mediação que vão para além da tradicional relação com os centros educativos. Isto tem um efeito direto na introdução na agenda pública de atividades e serviços da biblioteca, reforçando a sua identidade sociocomunitária. Aos mediadores independentes assegura um apoio efetivo, periódico ou latente, que aumenta as hipóteses de conquistarem espaço social. O voluntariado da leitura pode seguir caminhos adjacentes e paralelos ou institucionalizar-se e organizar-se à volta das lógicas bibliotecárias. É uma operação de glocalização através da qual a biblioteca, sem abdicar das vantagens de uma catalogação universal, se põe em diálogo com o tecido cultural local. Assegurar uma relação forte entre o social e o campo cultural para ações de difusão e de conhecimento dos públicos e para apoiar a gestão social com atores sociais em situações de conflito, *stress* social ou pós-traumático com o profissionalismo da mediação literária e do livro. A mediação tem o seu espaço profissional entre os assistentes sociais e a função de bibliotecário na biblioteca.

Professor-bibliotecário: as disposições anfíbias

Todas as bibliotecas partilham o essencial da sua função dentro das lógicas da mediação da leitura. Para além das fontes de financiamento e das formas de acesso, a diversidade de bibliotecas explica-se pela especificidade dos seus catálogos e/ou dos seus públicos, mesmo que todas partilhem princípios comuns. Na lógica da mediação da leitura, a biblioteca escolar tem um papel especial por estar associada à mediação de natureza pedagógica, dado o protagonismo que desempenha na aquisição e no desenvolvimento de competências de leitura e escrita (lectoescrita).

A biblioteca escolar é algo mais e, ao mesmo tempo, algo distinto da biblioteca pública ou comunitária. Trata-se de um espaço determinado pelo serviço que, aparentemente semelhante ao da biblioteca pública, na medida em que partilha do mesmo tipo de gestão de conteúdos, interage sobretudo na dependência (dentro e para) de uma instituição escolar com públicos específicos, alunos e professores, e de uma comunidade próxima, estreitamente comprometida com a finalidade das aprendizagens. A diferença mais notável reside no facto de que a responsabilidade de iniciar um diálogo e construir as pontes cabe ao professor-bibliotecário, um agente binocular da educação, profissional de espírito simultaneamente bibliotecário e professor, uma pessoa com a capacidade de compreender, planear e participar em todas as interseções possíveis entre a biblioteca e a aula, entre os textos paraescolares e as leituras ligadas mais ou menos estreitamente à finalidade das aprendizagens.

Principalmente ao serviço do ensino-aprendizagem, a sua lógica consiste em potenciar o vínculo do livro com a aula, na aula e para a aula, em potenciar a leitura para as aprendizagens, mas com a derradeira finalidade de ajudar a desenvolver um desejo que vigore pela vida fora, muito para além das aprendizagens. No encontro com a mediação de natureza pedagógica, a lógica da mediação do professor-bibliotecário implica, a partir do conhecimento

A função do professor-bibliotecário constitui um fator crítico da mediação da leitura. Possuir a valência de colocar a biblioteca na interseção das duas lógicas mediadoras – a pedagógica e a bibliotecária – coloca-o muito perto do papel de protagonista. O professor-bibliotecário conhece a biblioteca, a aula e o recreio, o que lhe permite pensá-los como um espaço educativo único, um ambiente de mediações e sociabilizações, um laboratório que, utilizando lógicas análogas, cadenciadas e híbridas, é integrado na vida quotidiana da escola com a finalidade partilhada de estimular múltiplas formas de literacia.

da função docente, coativar o contexto da sala de aula com o espaço de leitura. A lógica da mediação do professor-bibliotecário no encontro com a mediação de natureza pedagógica implica, a partir do seu conhecimento da função docente, coativar o ambiente da sala de aula como um espaço de leitura. Para expandir as práticas de leitura, cabe ao professor-bibliotecário a tarefa de expandir o âmbito da aula, baseando-se no conhecimento que tem das duas funções.

A função do professor-bibliotecário constitui um fator crítico da mediação da leitura. Possuir a valência de colocar a biblioteca na interseção das duas lógicas mediadoras – a pedagógica e a bibliotecária – coloca-o muito perto do papel de protagonista. O professor-bibliotecário conhece a biblioteca, a aula e o recreio, o que lhe permite pensá-los como um espaço educativo único, um ambiente de mediações e sociabilizações, um laboratório que, utilizando lógicas relacionadas, harmonizadas e híbridas, se integra na vida quotidiana da escola com a finalidade partilhada de estimular múltiplas literacias.

O olhar do bibliotecário que é professor é, por definição, o de quem vê na leitura um agente de intercâmbio e criatividade. A leitura como experiência social que ocorre em espaços que são laboratórios de colaboração, abertos e criativos. Leitura e escrita. Uma leitura sem ancoragem institucional que pré-determine a forma de acesso à leitura, um lugar de prática institucional que se impõe ao desejo ou a uma prática social que deve ser fluida e móvel. Práticas de leitura que interpelam o estatuto dos lugares. Os textos podem circular com mais fluidez graças à capacidade dos professores-bibliotecários.

O conhecimento que o professor acrescenta ao papel de bibliotecário é fundamental para o desempenho das suas principais funções, a gestão de conteúdos e a construção de catálogos, assim como para a identificação e a relação com os públicos. Uma das principais diferenças relativamente à biblioteca pública reside na capacidade de criar uma empatia especial com os seus públicos específicos, alunos e professores, partindo dos seus saberes, competências e sensibilidades. Ele tem a extraordinária capacidade do anfíbio que transita sem necessidade de uma terceira autorização. Isso facilita-lhe a tarefa de projetar e operar na transversalidade, fator determinante se quiser desempenhar um papel de protagonista colaborativo nos modelos de aprendizagem com base em projetos. O professor-bibliotecário pode ler o recreio reinterpretando a biblioteca, pode entender os corredores como uma conversa entre autores, pode sentar-se enquanto par entre professores. O recreio é para o professor-bibliotecário o que a praça é para o bibliotecário municipal. A biblioteca é um tempo, está longe de ser um lugar. A responsabilidade dessa conversação ubíqua é do professor-bibliotecário. Pensar a lógica da mediação da leitura a partir de uma biblioteca escolar deslocalizada assegura a sua continuidade. |

Os textos podem circular com mais fluidez graças à capacidade dos professores-bibliotecários. O conhecimento que o professor acrescenta ao papel de bibliotecário é fundamental para o desempenho das suas principais funções – a gestão de conteúdos e a construção de catálogos, assim como para a identificação e a relação com os públicos.

A mediação bibliotecária: propósitos e atividades estratégicas

As principais funções podem estar diretamente associadas a atividades concretas. Por exemplo, a função que consiste em oferecer polivalência e animação aos diversos espaços, procurando diversificar as funções de cada localização ou setor e os momentos e tempos de encontro com o livro e outros suportes de leitura, torna possível desenvolverem-se atividades de animação à volta dos textos – apresentações de novas obras, leituras públicas, entrega e recolha de livros ao domicílio, visitas à biblioteca do bairro e exposições de rua, oficinas de leitura e de escrita, residências artísticas, dramatizações e representações em torno dos clássicos.

TAGS: BIBLIOTECAS; MEDIAÇÃO
LEITORA; TERRITÓRIO; CURADORIA

A

A função de estabelecer relações com as famílias, especialmente com crianças e idosos, e fazer o seguimento dos seus interesses bibliotecários mediante ferramentas de levantamento de dados e sondagens pertinentes pode ser desenvolvida visitando domicílios com catálogos especializados, temporalizados e segmentados, empréstimos interfamiliares e estratégias lúdicas que intervêm nos textos. A função que consiste em informar acerca da organização, promover os serviços e estimular percursos personalizados, pondo em contacto os visitantes com as coleções de forma distinta daquela que o catálogo formalmente estabelece, pode ser concretizada através da a organização de visitas de grupo, familiares e pessoais, programadas e especialmente animadas para demonstrarem as possíveis navegações para além do catálogo e dos géneros e formatos pré-estabelecidos.

Em busca de uma eficácia contextualizada, destaca-se a tarefa de mapear em duas dimensões. O objetivo é intervir no terreno a partir de uma reinterpretação da sobreposição de dois mapas que dão conta de duas realidades sobrepostas.

Por um lado, o mapa dos que são suscetíveis a estratégias especializadas, como as pessoas que vivem em estabelecimentos de retiro ou clausura, lares ou residências de idosos e de menores, centros de dia para pessoas com deficiência, locais de proteção de menores e mães, refúgios de vítimas de violência de género, centros de detenção (presos), pessoas em isolamento temporário como os doentes domiciliários, pessoas hospitalizadas e migrantes retidos, as famílias monoparentais e as de configuração dinâmica, pessoas sem domicílio definido, centros comunitários de saúde e bem-estar, campos de férias.

O objetivo é intervir no terreno a partir de uma reinterpretação da sobreposição de dois mapas que dão conta de duas realidades sobrepostas.

Agentes culturais muito diversos que participam de diversas expressões artísticas e de distintas indústrias culturais. Estes agentes completam a extensa lista de potenciais parceiros dos mediadores bibliotecários.

Por outro lado, é necessário mapear os agentes de cultura no terreno e estabelecer procedimentos o mais interoperacionais e automáticos possível, por forma a *radarizar* as suas atividades. Detetar os critérios que se podem aplicar para segmentar e coordenar as atividades e catalogar os atributos que são mais específicos e próximos das atividades próprias da mediação da leitura. Nessa categoria entram agentes culturais muito diversos que participam de diversas expressões artísticas e de distintas indústrias culturais. Estes agentes completam a extensa lista de potenciais parceiros dos mediadores bibliotecários, como podem sê-lo, no caso, as livrarias e outros atores sociais da cadeia do livro.

Este diagrama de contexto fornece os elementos básicos, como a caracterização dos públicos, essencial para a vida da biblioteca, por um lado, e a capacidade do território para montar estratégias potentes que aumentem o alcance, diversifiquem os públicos e recriem a identidade e a funcionalidade da mediação, por outro. A identidade do agente mediador dialoga com a identidade do bairro ou municipal. Sem abandonar os seus traços de origem, reconhecendo que o contexto é dinâmico e que as tradições sociais e culturais convivem com novas formas de habitar o terreno e de sociabilidade, a mediação bibliotecária é, simultaneamente, um agente cultural de vocação transformadora e um agente social imerso na realidade dinâmica que, como parte do ecossistema, tem um certo caráter adaptativo.

A eficiência bibliotecária resulta das atividades e serviços que permitem pôr em contacto os públicos e o catálogo da forma o mais personalizada possível. Noutros termos, é começar por fazer com que o indivíduo descubra e leia a biblioteca. O principal serviço consiste em conseguir que os indivíduos possam criar e recriar os seus mapas personalizados do local, fazendo com que abandonem a ideia de uma localização privilegiada e repetitiva e adquiram um registo de autores, géneros e potenciais leituras, sugerindo circulações e convidando-os a expandir as fronteiras de interesses, géneros e formatos, recomendando-lhes formas alternativas de ler a biblioteca, que cruza atividades dentro e fora, e pondo em jogo o seu papel ao intervir sobre as plataformas sociais com prudência e moderando preconceitos relativamente

A mediação bibliotecária é, simultaneamente, um agente cultural de vocação transformadora e um agente social imerso na realidade dinâmica que, como parte do ecossistema, tem um certo caráter adaptativo.

a referentes cuja sociabilidade é de outra natureza, como os influenciadores. A eficácia está hoje muito relacionada com a comunicação, as estratégias conversacionais entre os profissionais e os públicos, o acompanhamento dos visitantes, as estratégias delineadas para identificar expectativas e não apenas gostos, e com o acesso ubíquo aos serviços e conteúdos.

A mediação da leitura é uma operação vital da biblioteca e tem dois objetivos. Dar fluidez ao diálogo com os públicos e capturar o sentido da procura, acompanhando a evolução dos públicos desde o primeiro acesso, apoiando as pesquisas documentais e gerindo atividades em torno dos serviços bibliotecários. Trata-se da função graças à qual a biblioteca nunca será apenas um fornecedor de catálogos ou de livros, mas sim a expressão de uma leitura viva que reside, entre muitos lugares possíveis, na biblioteca. O segundo objetivo é promover o contacto horizontal com os outros mediadores de leitura, principalmente as escolas e outros centros de estudo. As atividades podem ser desde atividades periescolares até à programação articulada e coordenada de ações sobre o território educativo.

Como parte do ecossistema cultural mediático, os agentes da mediação leitora ganharam uma certa preeminência em seu próprio benefício num território que, embora partilhado, é de notável vigência e impacto cultural. O da gestão de conteúdos culturais a partir de um exercício de curadoria profissional e adequado que permite definir a experiência do leitor num sentido mais amplo e abrangente. Compreendendo o fenómeno da crescente transmediatização das práticas, a experiência de leitura assume-se como algo mais performático do que a leitura do texto-livro ou texto-revista. Nessas experiências, o objeto da leitura é algo menos concreto do que o livro e a cena, algo mais complexo em termos de vozes, entre as quais se encontra a do autor.

O papel da curadoria – uma das dimensões mais requeridas e apreciadas – consiste em dar um sentido mediado à seleção de recursos de alargamento ou complementação, uma intervenção de valor profissional, que permite fazer com que outros bens e serviços da biblioteca entrem em jogo, pôr em diálogo de forma predeterminada o autor e o seu texto com outros textos do mesmo autor e de outros autores, uma cena hipotética na qual o mediador intervém previamente de forma programática para enriquecer a experiência, partindo da ideia de que a transmedialidade é provavelmente uma das formas mais comuns de leitura – disposições que o leitor adota independentemente das condições do texto. A curadoria consiste em selecionar e organizar de modo sugestivo recursos, textos e outros bens culturais, incluindo outros suportes e conteúdos noutras linguagens,

Como parte do ecossistema cultural mediático, os agentes da mediação leitora ganharam uma certa preeminência em seu próprio benefício num território que, embora partilhado, é de notável vigência e impacto cultural.

A curadoria consiste em selecionar e organizar de modo sugestivo recursos, textos e outros bens culturais, incluindo outros suportes e conteúdos noutras linguagens, dispondo-os de uma forma que permita ao leitor ter acesso a eles, num processo de ida e volta com o texto.

dispondo-os de uma forma que permita ao leitor ter acesso a eles, num processo de ida e volta com o texto. Uma maneira de intervir numa prática de leitura com tendência a tornar-se complexa, mas que pode curar-se, já que a mediação colabora na procura do maior alinhamento possível em relação ao texto-livro, uma encenação que permite derivar, expandir, alargar ou aprofundar sem fomentar o abandono da leitura principal, pelo contrário, aumentar o nível de envolvimento e de interseção autor-leitor, personagens-leitor. Trata-se de construir um miniecosistema no qual o livro continua a ser estruturante na experiência. Esta função é essencial na dinamização e manutenção de públicos jovens que cada vez mais procuram estruturas narrativas hipervinculadas, ávidos de uma experiência socializadora à volta do texto e de pontes menos formais entre a leitura e a escrita.

Esta intervenção da curadoria sobre o texto tem interesse tanto para as leituras literárias e de ócio, como para as leituras de trabalho, profissionais ou instrumentais, cuja finalidade exige um rendimento semelhante ao do exame escolar de conhecimentos. Neste caso, a transmedialidade pode ser uma condição prévia do texto-livro que inclui já formas de complementação da experiência através de recursos de alargamento ou aprofundamento acessíveis, graças a formas rápidas como os códigos QR ou a realidade aumentada sobre gráficos e esquemas. As técnicas de realidade aumentada já provaram a sua eficácia nas intervenções de curadoria no próprio catálogo bibliotecário. Na maior parte das vezes, estas formas de operar sobre o texto em forma de coedição diferida (o mediador intervém sobre o texto depois da edição) consistem em inserir marcas dentro do texto-livro sob formas de recomendação direta (código QR ou realidade aumentada) ou indireta. A curadoria podia limitar-se a recomendar onde procurar informação para situar o texto numa geografia e num período histórico ou a alargar a prática leitora a um conjunto complementar de atividades produtivas. Estas podem incluir o leitor no processo em modo de cocuradoria, curadoria horizontal ou moderada profissionalmente, ou em modo de leitor referente, que divulga, opina e toma posição. O ecossistema construído desta forma interpela o papel de leitor, incluindo-o em atividades produtivas que, em alguns casos, promovem a sociabilidade entre os leitores e a escrita. Uma visita lúdica às coleções podia temporariamente utilizar esse tipo de estratégias para entrecruzar textos, recursos e serviços bibliotecários, assim como atividades próprias e externas selecionadas e classificadas para cada tipo de leitor. |

A curadoria podia limitar-se a recomendar onde procurar informação para situar o texto numa geografia e num período histórico ou a alargar a prática leitora a um conjunto complementar de atividades produtivas.

Ao longo da vida do leitor

O vínculo com as bibliotecas constrói-se desde as mais tenras idades. Procurar os (pré-) leitores é uma função crítica para os mediadores bibliotecários, que, além disso, devem integrar os pais na definição das atividades de animação e das sessões de leitura pública, ao mesmo tempo que devem fomentar o seu compromisso, o que poderia exigir um reforço das competências da família em matéria de mediação leitora. A forma que a relação entre as famílias e as bibliotecas assume é um fator determinante para o futuro do sujeito leitor.

E

As lógicas entrecruzam-se, supostamente, de maneira compatível, podendo inclusivamente funcionar como reforço mútuo. A família valorizando a seleção do professor e as recomendações da biblioteca escolar, a comunidade educativa admitindo discutir a definição de um único ecossistema leitor no qual se incluem as famílias.

Também podia haver diferenças que se mantivessem no plano da complementaridade e não no da divergência, produto de uma distância na forma de pensar o papel de cada agente na educação.

As lógicas entrecruzam-se, a mediação familiar e a mediação dos professores e bibliotecários começa a desempenhar um papel central no futuro do sujeito leitor. Enquanto a família funciona mais como determinante

esporádico e no apoio à leitura obrigatória, a escola, o professor e o bibliotecário navegam entre o mandato pedagógico e a animação sociocultural.

As lógicas entrecruzam-se, supostamente, de maneira compatível, podendo inclusivamente funcionar como reforço mútuo.

Alargar os públicos deve ser uma prioridade, logo deve destacar-se a atividade nos programas e melhorar as competências dos mediadores para intervirem nesse sentido. O encontro com os que não frequentam a biblioteca e com as populações - simbólica e materialmente - menos vinculadas, ou mesmo desvinculadas, pode exigir mais esforço e recursos, mas é a única forma de diminuir a distância social e de melhorar os índices de rentabilização social do investimento público.

Na etapa em que a mediação familiar é determinante ou coprotagonista, os familiares costumam delegar a indicação ou seleção no livreiro, ou então em jornalistas ou outros atores dos média. Em alguns casos, em especialistas em pedagogia. Nos primeiros anos de escola, começam a repercutir as recomendações da comunidade de famílias e as da própria instituição. A função desta metamediação é construir uma primeira ponte entre, por um lado, o imaginário espontâneo e uma socialidade ingênua e, por outro, uma cultura que, por estar determinada familiarmente, tende a ser inevitavelmente hegemônica. As mediações de cariz pedagógico dedicam-se a regular essa passagem mediante diretrizes e orientações, uma regulação interpsicológica que se desloca das diretrizes completamente externas até ao fortalecimento das disposições para a elaboração de versões apropriadas pelo indivíduo acerca do meio que o rodeia, um movimento progressivo durante o qual o suporte hegemônico é retirado, por forma a facilitar a construção de um universo simbólico próprio.

O papel que as bibliotecas comunitárias, públicas e privadas desempenham é relevante quando parte em busca dos mais pequenos, numa etapa em que a única mediação é a familiar. A construção de catálogos para o pré-escolar e a divulgação dos serviços específicos para famílias com crianças é a chave da primeira interseção das duas mediações. Face à enorme discrepância no que diz respeito ao capital cultural das famílias, não é suficiente que a biblioteca esteja nas proximidades ou tenha predisposição para receber novos visitantes. Também não é uma questão de tempo. Mas é a relação espaço-tempo que se pode revelar muito significativa, tanto para os pais como para os pré-leitores. Em conjunto com a disponibilidade horária de atenção especializada, a ambientação espacial e sonora está diretamente relacionada com a forma como as famílias, e mais tarde os seus membros, interagem com as bibliotecas.

As mediações de cariz pedagógico dedicam-se a regular essa passagem mediante diretrizes e orientações, uma regulação interpsicológica que se desloca das diretrizes completamente externas até ao fortalecimento das disposições para a elaboração de versões apropriadas pelo indivíduo acerca do meio que o rodeia.

O papel que as bibliotecas comunitárias, públicas e privadas desempenham é relevante quando parte em busca dos mais pequenos, numa etapa em que a única mediação é a familiar.

Convém salientar que as bibliotecas se envolvem numa mediação dual, no plano do leitor que se inicia e da família como unidade leitora.

Quando o estudo dos públicos dá a conhecer as condições de vizinhança ou de proximidade, revelando uma demografia neste sentido, torna-se indispensável uma revisão dos catálogos e, eventualmente, uma regulação dos tempos e dos espaços com vista a uma adaptação.

As barreiras simbólicas são muitas vezes mais difíceis de superar do que as materiais. Por isso, é conveniente programar ações de ativação e não apenas de animação, entendendo por ações de ativação as que devem resolver a ausência de contacto, as que estabelecem o contacto e facilitam o início da relação. Em associação com parceiros próximos, simbólica e fisicamente, as bibliotecas podem construir pontes auxiliares para visitantes que ainda não o são. Se se observarem as funções da mediação leitora no território da mediação cultural e se se proceder a uma *radarização* dos agentes culturais nas proximidades, poderá programar-se uma série de ações segmentadas para atender a esses potenciais públicos de forma associativa. Por exemplo, realizando visitas guiadas teatralizadas à biblioteca ou fazendo leituras públicas num cenário teatral.

Alargar os públicos deve ser uma prioridade, logo deve destacar-se a atividade nos programas e melhorar as competências dos mediadores para intervirem nesse sentido. O encontro com os que não frequentam a biblioteca e com as populações - simbólica e materialmente - menos vinculadas, ou mesmo desvinculadas, pode exigir mais esforço e recursos, mas é a única forma de diminuir a distância social e de melhorar os índices de rentabilização social do investimento público. Parte do caminho pode ser realizado diversificando os pontos de contacto, ambientando espaços externos por forma a favorecer o encontro com o livro, visitando situações e lugares, domicílios, cantinas comunitárias, e flexibilizando e adaptando as manifestações sociais para incluir o livro e a leitura partilhada como atividade. O abandono da frequência da biblioteca por parte de um grupo identificado pode implicar uma tarefa específica de remediação. O resgate integra-se no terreno da mediação. O desajuste de expectativas entre a oferta bibliográfica e de serviços e a procura explícita pode ser a fonte de um novo distanciamento. Questionar as

Foto por Megha Ajith da Unsplash



motivações é tão importante como revelar os motivos do afastamento. Identificar os perfis com base em factos e estatísticas processadas adequadamente, com sistemas de alerta precoce, pode contribuir para a fixação dos públicos. O trabalho informacional de base estatística é fundamental para tratar as visitas com indicadores corretivos de alerta precoce.

As ações vinculadas ao desenvolvimento de públicos, a identificação de perfis, a segmentação e a receção e acompanhamento, são transcendentais para os resultados, além de incidirem na definição dos catálogos e das ações de ativação e animação. É essencial considerar a incidência das novas arquiteturas de coabitantes na relação com as bibliotecas, situações que podem exigir assistência ao domicílio ou serviços sob pedido. O levantamento dos públicos é fundamental para determinar ações adequadas, quer sejam periódicas ou esporádicas. Neste sentido, convém salientar que as bibliotecas se envolvem numa mediação dual, no plano do leitor que se inicia e da família como unidade leitora. A mediação responde desta forma à clássica função de gestão de públicos de toda a mediação cultural que lhe é inerente. Entre as considerações a ter em conta destacam-se as que determinam formas alternativas de relação entre as bibliotecas e as pessoas com deficiência, seja sensorial, seja motora.

Ao contrário das mediações familiares, que operam sobre um único indivíduo, ou eventualmente sobre uns poucos, quando a mediação se escolariza e funciona em grupo, adquire algo de social – ou seja, de horizontal. A mediação docente interage com um enquadramento social, o dos pares mais do que o familiar, enquanto a ponte tende a ser o resultado de uma rede de correferenciações, verticais e horizontais, que, além disso, compreende vozes fantasmagóricas vindas do próprio texto: o autor, o narrador escondido e as personagens. Com as tensões do acaso, incidem os correlatos internalizados durante a formação familiar inicial, produto das primeiras leituras marcadas por um sistema de valores e crenças na família nem sempre consistentes e organizados. Nestes cenários de mediação escolar, a tarefa consiste em proporcionar gradualmente aos destinatários correlatos cognitivos e socioafetivos para a compreensão, interpretação e recriação dos textos no âmbito de uma sociabilidade crescentemente horizontal. Entretanto, o desempenho interessa, o resultado fica exposto e é suscetível de ser examinado. A família tende a salvaguardar, mediante compras e empréstimos, o acesso

Quando a mediação se escolariza e funciona em grupo, adquire algo de social – ou seja, de horizontal.

a um catálogo que julga ser adequado para alargar as leituras escolares. Uma visão meritocrática do ócio leva muitas famílias a transformar os livros em presentes ou a oferecer vales de oferta de livros.

Com a adolescência, a influência da família diminui, em parte devido ao crescente uso de uma sociabilidade horizontal (entre pares) que se impõe a uma hierarquia familiar e se estabelece e desenvolve em rede, enquanto circula entre ecrãs, principalmente o mais pequeno, onde abundam as sugestões de leitura, vistas de uma perspetiva completamente diferente da escolar. Circulam recomendações de leitura nas mesmas plataformas onde leem, ou onde leem e escrevem. A leitura torna-se furtiva, tão insolente e embaraçosa como podia ser qualquer prática social dos adolescentes. Contestatária, anticanónica, fragmentária, invisível para os adultos. Os pares tornam-se recomendadores e a plataformização incide progressivamente no pôr em comum. O papel dos professores e bibliotecários torna-se indispensável. A eficiência, da perspetiva da mediação pedagógica, aumenta na mesma medida em que são efetivos os esforços para vincular a turma e a biblioteca.

A principal estratégia da mediação com propósitos educativos consiste na construção de um microssistema leitor na instituição ou no centro educativo. O sistema escolar, através da sua rede de bibliotecas escolares, deve ser reinterpretado como um macrossistema da leitura. Por seu lado, cada centro opera como um microssistema de leitura com o seu próprio Plano Institucional de Leitura (PIL). Chegado a esse nível de concretização, o PIL tem como missão a colocação da leitura e da escrita no centro da escola (PNL2027 Pto. 7). O seu projeto terá em consideração os seguintes objetivos prioritários: i) alargamento dos públicos-alvo, ii) incentivo à prática da escrita, iii) valorização de todas as literacias, iv) reforço da leitura por prazer, v) colaboração com todas as bibliotecas escolares, bibliotecas municipais e bibliotecas de ensino superior, vi) desenvolvimento de uma abordagem transversal da literatura, das ciências, das artes e das tecnologias, viii) mobilização de pessoas qualificadas, experientes, criativas e inovadoras, ix) realização de inquéritos e sondagens de opinião, x) exploração da *web* como espaço de partilha, difusão e comunicação.³

Por outras palavras, o plano tem como finalidade tornar a leitura e a escrita as formas mais fluidas de navegar nas atividades escolares, fazendo intervir, para isso, todos os recursos ao seu alcance. Embora a conceção e a avaliação sejam um processo participativo no qual toda a comunidade colabora, o desenvolvimento do

3. Baseado no PNL2027.

A principal estratégia da mediação com propósitos educativos consiste na construção de um microssistema leitor na instituição ou no centro educativo.

A comunidade de pertença simbólica e social do centro educativo constrói identidade através da leitura e da escrita.

processo é inteiramente da responsabilidade da mediação leitora, potenciada pelo trabalho combinado da mediação de ordem pedagógica e bibliotecária. Além disso, no caso do jardim de infância e do 1.º ciclo do ensino básico, sobretudo, a responsabilidade é estreitamente partilhada com a mediação familiar.

A comunidade de pertença simbólica e social do centro educativo ganha identidade através da leitura e da escrita. A sala de aula torna-se uma cena de costumes para uma leitura partilhada e social, franca, em voz alta, sonora. As cartas ao autor entrecruzam-se com histórias de época contadas pelos avós. O reconhecimento de uma geografia social e cultural dramatizada. A reescrita do texto, a criatividade na escrita, um possível papel para desenvolver ações que entrecruzem a presença física com a virtualidade.

A palavra lida e escrita, a leitura em público seguida de conversa, a competição e a colaboração, o projeto vertical e horizontal, a experiência multigraduada, modos de socialização dos quais as plataformas digitais não se podem alhear. A interação com outros centros próximos, com as bibliotecas municipais e comunitárias e outros espaços culturais impregna o clima interior exigindo-lhe porosidade.

Criar um clima de leitura é mais do que ambientar corredores e salas, atravessar os espaços com textos e autores, aumentar o volume institucional da biblioteca com uma imagem aberta e renovada. É uma reconfiguração espácio-temporal criada a partir do desenho participativo e a coordenação das operações das três lógicas de mediação sobre a prática leitora e sobre os três espaços (sala de aula, biblioteca e família) intersetados. Não é uma roupagem exterior, nem um apelo às famílias para operar a favor de atividades concretas. A comunidade educativa mobiliza-se na tarefa conjunta. É uma maneira diferente de ler e habitar a escola. |



Foto por Ryoki Iwata da Unsplash

A redação deste texto foi inspirada nas seguintes referências bibliográficas, aqui partilhadas para sua leitura e discussão.

Andruetto, M. T. (2015). *Elogio de la dificultad. Acerca del lector literario*. Montevideo: Cámara Uruguaya del Libro. Disponível em <http://www.camaradellibro.com.uy/wp-content/uploads/2014/06/CONFERENCIA-Elogio-de-la-dificultad-Maria-Teresa-Andruetto.pdf>.

Cerrillo Torremocha, P. (2009). Sociedad y lectura del conocimiento. *Revista de Educación*, número extraordinário, 53-61. Disponível em <http://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:ea1d71df-322f-4084-bee7-dd7ed1eed667/re200507-pdf.pdf>.

Colomer, T., Ferreiro, E. & Garrido, F. (2002). *Lecturas sobre lecturas*. Cidade do México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.

Kovak, M. & van der Weel, A. (Eds.) (2020). *Lectura en papel vs. lectura en pantalla*. Bogotá: Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe, Cerlalc-Unesco. Disponível em https://cerlalc.org/wp-content/uploads/2020/04/Cerlalc_Publicaciones_Dosier_Pantalla_vs_Papel_042020.pdf.

LCFL (2019). *Nuevas destrezas para los mediadores de la lectura*. Madrid: Laboratorio Contemporáneo de Fomento de la Lectura da Fundación Sánchez Ruipérez. Disponível https://fundaciongsr.org/wp-content/uploads/2019/07/Nuevas-destrezas-para-mediadores_2.pdf.

Lluch, G. & Zayas F. (2015). *Leer en el centro escolar. El plan de lectura*. Barcelona: Octaedro. Disponível em <https://www.canallector.com/uploads/website/docs/1450-1-leerenelcentroescolar.pdf>.

Manovich, L. (2017). Analítica cultural. *Revista de Occidente*, vol. 434-435, 99-115. Disponível em <https://gescsemiotica.com/wp-content/uploads/2019/08/Analitica-cultural-Lev-Manovich.pdf>.

Ministerio de Educación y Formación Profesional de Espanha (2019). *Lectoescritura digital*. Madrid: Secretaría General Técnica. Disponível em <https://sede.educacion.gob.es/publiventa/lectoescritura-digital/investigacion-educativa/22961>.

Munita, F. (2016). Prácticas didácticas, creencias y hábitos lectores del profesor en una escuela exitosa en la promoción lectora. *Ocnos*, 15 (2), 77-97. Disponível em https://revista.uclm.es/index.php/ocnos/article/view/ocnos_2016.15.2.1140/pdf.

Robledo, B. H. (2010). *El mediador de lectura. La formación del lector integral*. Santiago do Chile: IBBY. Disponível em http://plandelectura.gob.cl/wp-content/files_mf/20171122_EL_Mediador_de_lectura_web.pdf.

Scolari, C. (Ed.) (2018). *Adolescentes, medios de comunicación y culturas colaborativas. Aprovechando las competencias transmédia de los jóvenes en el aula*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Disponível em http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_Teens_es.pdf.

Scolari C. (2018). *Literacia transmédia na nova ecologia mediática: livro branco*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Disponível em http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_whit_port.pdf.

Plano Nacional de Leitura 2017-2027

Quadro Estratégico Plano Nacional de Leitura 2027. https://cerlalc.org/wp-content/uploads/2018/09/53_Cuadro_Estrat%C3%A9gico_Plan_Lectura_Portugal.pdf.

As seguintes referências bibliográficas serviram de inspiração para a reflexão e podem ser úteis para detalhar ou aprofundar algumas das temáticas tratadas ao longo do texto:

Albelda Esteban, B. (2020). *Evaluación del impacto de las bibliotecas escolares en España: Aproximación desde una doble perspectiva metodológica cuantitativa y cualitativa*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. Disponível em <https://eusal.es/eusal/catalog/view/978-84-1311-311-1/5211/5106-1>.

Ancelin, J. (2013). Organiser la médiation des collections scientifiques. *Bulletin des bibliothèques de France*, 3, 36-42. Disponível em <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2013-03-0036-006.pdf>.

Area Moreira, M. & Marzal García-Qismondo, M. (2016). Entre libros y pantallas. Las bibliotecas escolares ante el desafío digital. *Profesorado – Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, 20 (1), 227-242. Disponível em <https://recyt.fecyt.es/index.php/profesorado/article/view/49876>.

Arizaleta, L. (2009). Prescripción y mediación: Dos actitudes ante la educación literaria. *CLIJ: Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil*, 22 (232), 19-23.

Baldaquí-Escandell, J. M. (2018): Los clubs de lectura: entre la presencia y el mundo virtual. In Lluich, G. (Ed.): *Claves para promocionar la lectura en la red*. Madrid: Editorial Síntesis, 130-142.

Barbosa, A. M & Coutinho, R. G. (Orgs.) (2009). *Arte/educação como mediação cultural e-social*. São Paulo: Editora UNESP.

Benedict, B. (1996). *Making the modern reader: Cultural mediation in early modern literary anthologies*. Princeton: Princeton University Press.

Bibliotecas Escolares (CRA) (2013). *A viva voz. Lectura en voz alta*. Santiago de Chile: Unidad de Currículum y Evaluación do Ministerio de Educación de Chile. Disponível em <https://bibliotecadigital.mineduc.cl/bitstream/handle/20.500.12365/540/MONO-458.pdf>.

Bordeaux, M-C. y Caillet, E. (2013). La médiation culturelle: Pratiques et enjeux théoriques. *Culture & Musées, Hors-série*, 139-163. Disponível em <http://journals.openedition.org/culturemusees/749>

Bourdieu, P. (1997). *Capital cultural, escuela y espacio social*. Cidade do México: Siglo Veintiuno.

Chambers, A. (2009). *El ambiente de la lectura*. Cidade do México: FCE.

Chartier, R. (2002). *Prácticas de lectura*. Paris: Plural.

Conselho de União Europeia (2012). *Conclusões do Conselho, de 26 de novembro de 2012, sobre a literacia*. Diário Oficial da União Europeia de 19 de dezembro (2012/C 393/01). Disponível em <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2012:393:0001:0004:PT:PDF>.

Corea, C. & Lewkowicz, I. (2004). *Pedagogía del aburrido. Escuelas destituidas, familias perplejas*. Buenos Aires: Paidós. Disponível em <https://otrasvoceseneducacion.org/wp-content/uploads/2019/01/Pedagogia-del-Aburrido-Lewkowicz-Ignacio-Cristina-Corea.pdf>.

De Certeau, M. (2000) [1990]. *La invención de lo cotidiano I. Artes de hacer*, Cidade do México: UIA-ITESO. Disponível em https://monoskop.org/images/2/28/De_Certeau_Michel_La_invencion_de_lo_cotidiano_1_Artes_de_hacer.pdf.

del Moral-Pérez, M. E., Villalustre-Martínez, L., & Neira-Piñero, M. del R. (2016). Relatos digitales: activando las competencias comunicativa, narrativa y digital en la formación inicial del profesorado. *Ocnos – Revista de Estudios sobre Lectura*, 15 (1), 22-41. Disponible em https://doi.org/10.18239/ocnos_2016.15.1.923.

Dujol, L. & Mercier, S. (2017). *Médiation numérique des savoirs: Des enjeux aux dispositifs*. Montreal: Éditions ASTED. Disponible em: <https://mobile.eduq.info/xmlui/bitstream/handle/11515/35515/dujol-mercier-mediation-numerique-savoirs-asted-2018.pdf>.

Dujol, L. & Mercier, S. (2017). *Médiation numérique des savoirs et marketing public: différences et complémentarités*. *Documentation et Bibliothèques*, 63 (2), 5-11. Disponible em <https://www.erudit.org/fr/revues/documentation/2017-v63-n2-documentation03091/1040175ar.pdf>.

Escandell, D. & Rovira-Collado, J. (Ed.) (2019). *Current Perspectives on Literary Reading*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company.

Ferrés, J., & Piscitelli, A. (2012). *La competencia mediática: Propuesta articulada de dimensiones e indicadores*. *Comunicar*, 38 (XIX), 75-82. Disponible em <https://doi.org/10.3916/C38-2012-02-08>.

Fino-Garzón, D. M. (2018). *Catálogo para a inovação em bibliotecas públicas*. Bogotá: CERLALC/Unesco. Disponible em <https://cerlalc.org/publicaciones/catalogo-para-a-inovacao-em-bibliotecas-publicas/>.

Gagné, A. (2017) Interactions transformatrices entre textes littéraires et publics scolaires. Une recension des écrits autour du concept didactique de lecture littéraire. Perspectives croisées sur la réception et la médiation." In M. Barraband, A. Bellemare & M. Grenier (Eds.). *Publics de la culture: Perspectives croisées sur la réception et la médiation – actes de colloque*. Montreal: Laboratoire de Recherche sur les Publics de la Culture. Disponible em <https://www.erudit.org/fr/livres/hors-collection/publics-culture-perspectives-croisees-sur-reception-mediation-actes-colloque--978-2-9816944-0-9/>.

García Canclini, N. et al. (2015). *Hacia una antropología de los lectores*. Madrid: Ariel / Fundación Telefónica. Disponible em http://www.fundaciontelefonica.com/arte_cultura/publicaciones-listado/pagina-item-publicaciones/itempubli/469/.

Gardiès, C. & Fabre, I. (2015). Médiation des savoirs: de la diffusion d'informations numériques à la construction de connaissances, le cas d'une «classe inversée". *Distances et Médiations des Savoirs*, 12. doi. [org/10.4000/dms.1240](https://doi.org/10.4000/dms.1240). Disponible em <http://journals.openedition.org/dms/1240>.

Gómez Díaz, R. & García Rodríguez, A. (2019). La formación de mediadores en lectura digital en el contexto universitario: el caso de la Universidad de Salamanca. *Caracteres: Estudios Culturales y Críticos de la Esfera Digital*, 8 (2), 275-301. Disponible em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7323504>

González-Fernández-Villavicencio, N. (2016). *Métricas de la web social para bibliotecas*. Barcelona: Editorial UOC.

González-Martínez, J., et al. (2018). Sobre el concepto de alfabetización transmedia en el ámbito educativo. Una revisión de la literatura. *Comunicación y Sociedad*, 33, 15-40. Disponible em <http://www.comunicacionsociedad.cucsh.udg.mx/index.php/comsoc/article/view/7029/5988>.

Grizzle, A., et al. (2016). *Alfabetização midiática e informacional. Diretrizes para a formulação de políticas e estratégias*. Brasília: UNESCO. Disponible em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421>.

Gutiérrez Pérez, F. & Prieto Castillo, D. (2007). *La mediación pedagógica: Apuntes para una educación a distancia*. Buenos Aires: Ediciones CICCUS-La Crujía.

Holden, J. (2015) *The ecology of culture. A report commissioned by the Arts and Humanities Research*

Council's Cultural Value Project. Londres: Arts and Humanities Research Council. Disponível em <http://www.ahrc.ac.uk/documents/project-reports-and-reviews/the-ecology-of-culture/>.

Igarza, R. (2009). *Burbujas de ocio. Nuevas formas de consumo cultural*. Buenos Aires: La Crujía. Disponível em https://www.academia.edu/26552074/IGARZA_ROBERTO_Burbujas_de_Ocio_Nuevas_Formas_de_Consumo_Cultural_EDITADO.

Igarza, R. (2013). *Nueva agenda por el libro y la lectura: recomendaciones para políticas públicas en Iberoamérica*. Bogotá: CERLALC-Unesco. Disponível em https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_Nueva-agenda-por-el-libro-y-la-lectura_v1_011013.pdf.

Igarza, R. (2014). *Metodología común para explorar y medir el comportamiento lector. El encuentro con lo digital*. Bogotá: CERLALC/UNESCO. Disponível em https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_Metodologia-comun-para-explorar-y-medir-el-comportamiento-lector-El-encuentro-con-lo-digital_v1_010115.pdf.

INTEF (2017). *Marco Común de Competencia Digital Docente*. Madrid: Ministerio de Educación. Disponível em http://aprende.intef.es/sites/default/files/2018-05/2017_1020_Marco-Com%C3%BAAn-de-Competencia-Digital-Docente.pdf.

Izquierdo-Iranzo, P., & Gallardo-Echenique, E. (2020). Studygrammers: Learning influencers. *Comunicar*, 62 (28), 115-125. Disponível em <https://doi.org/10.3916/C62-2020-10>.

Irigaray, F. & Renó, D. (Eds.) (2016). *Transmediaciones. Creatividad, innovación y estrategias en nuevas narrativas*. Buenos Aires: La Crujía Ediciones.

Jenkins, H. (2006). *Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st Century*. Chicago: MacArthur Foundation. Disponível em <https://direct.mit.edu/books/book/3204/Confronting-the-Challenges-of-Participatory>.

Jenkins, H. (2009). *Fans, blogueros y videojuegos: la cultura de la colaboración*. Barcelona: Paidós.

Jogand, A. (1998). Médiateurs du livre: état des lieux. *Bulletin des Bibliothèques de France*, 5, 18-21. Disponível em <https://bbf.enssib.fr/consulter/06-jogand.pdf>.

Kampylis, P., Punie, Y. & Devine, J. (2015). *Promoción de un aprendizaje eficaz en la era digital – Un marco europeo para organizaciones educativas digitalmente competentes*. EUR 27599. Doi: 10.2791/54070. Disponível em https://sede.educacion.gob.es/publiventa/descarga.action?f_codigo_agc=17711.

Lahire, B. (Coord.) (2004). *Sociología de la lectura. Del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria*. Barcelona: Gedisa.

Lamizet, B. (1999). *La médiation culturelle*. Paris: L'Harmattan.

Larrosa, J. (2003). *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Lluch, G. (2014). Jóvenes y adolescentes hablan de lectura en la red. *Ocnos – Revista de Estudios sobre Lectura*, 11, 7-20. Disponível em https://doi.org/10.18239/ocnos_2014.11.01.

Lluch, G. (2010). *Cómo seleccionar libros para niños y jóvenes. Los comités de valoración en las bibliotecas escolares y públicas*. Gijón: Editorial Trea.

Manovich, L. (2017). Cultural analytics, social computing and digital humanities. In M. T. Schäfer, K. van Es (Eds.). *The datafied society: studying culture through data*, pp. 55-68. Amesterdão: University Press.

Disponível em https://mediarep.org/bitstream/handle/doc/13423/Datafied_Society_55-68_Manovich_Cultural-Analytics_.pdf.

Masanet, M.-J., Taddeo, G., & Tirocchi, S. (2020). Toward transmedia learning: Practices, approaches, and tools. In D. Frau-Meigs, et al. (Eds.). *The handbook of media education research*, pp. 113-130. Nova Iorque: Wiley Blackwell.

Mendoza Fillola, A. (2012). Leer hipertextos de papel: sobre el lector y sus hipervínculos cognitivos. In A. Mendoza (Coord.). *Leer hipertextos. Del marco hipertextual a la formación del lector literario*, pp- 73-99. Barcelona: Octaedro.

Millán, J.A. (2018). Clubs, lectoras y lectores en la enseñanza secundaria de Galicia. E-book disponível em <https://www.edu.xunta.gal/biblioteca/blog/files/intro%20+%20informe%20completo%20+%20anexo-cas-V10%20.pdf>.

Miret, I., Baró, M., Mañá, T., Vellosillo, I. & Montero, I. (2010) *Bibliotecas escolares- «entre comillas»*. *Estudio de casos: buenas prácticas en la integración de la biblioteca en los centros educativos*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez. Disponível em https://fundaciongsr.com/wp-content/uploads/2016/03/BE-entre_comillas.pdf.

Miret, I. & Armendano, C. (Coords.) (2021). *Lectura y bibliotecas escolares*. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). Disponível em <https://www.oei.es/uploads/files/consejo-asesor/DocumentacionComplementaria/Cultura-Escrita/2009-Metas-Bibliotecas-Escolares.pdf>.

Neto, J. & Rösing, T. (orgs.) (2009) *Mediação de leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores*. São Paulo: Global.

Netzer, M. (2017). *Les sciences en bibliothèque*. Paris: Éd. du Cercle de la Librairie.

Peroni, M. (2004). *La lectura como práctica social. Los equívocos de una evidencia*. Conferência apresentada no II Encontro de Promotores da Leitura da XVIII Feira Internacional do Livro de Guadalajara, México.

R

Roberto Igarza – Professor universitário, especialista nas áreas da comunicação, leitura e consumos culturais, tem-se dedicado ao estudo das mudanças na produção, difusão e hábitos de consumo devido à revolução digital. Autor de publicações e recomendações sobre políticas públicas do livro e da leitura.

